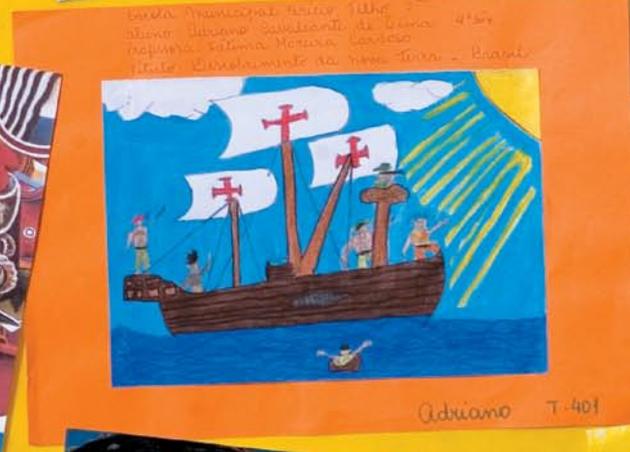
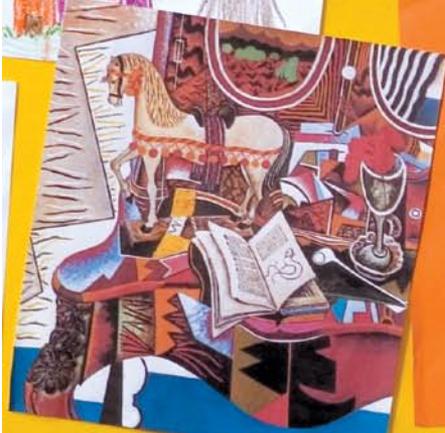


NÓS DA ESCOLA

RIO

PREFEITURA

EDUCAÇÃO MULTIRIO



Imagens que contam histórias

ISSN 1676-5141
9 771676 514006 00047



Prefeitura do Rio
Este investimento vale ouro para a Cidade.

Cesar Maia

Prefeito

Sonia Mograbi

Secretária Municipal de Educação

Regina de Assis

Presidente da MULTIRIO

Marcos Ozorio

Diretor de Mídia e Educação

Maria Inês Delorme

Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos e jornalista responsável (MTb. RJ22.642JP)

Marcelo Salerno

Diretor do Núcleo de Tecnologia da Informação

Katia Chalita

Diretora do Núcleo de Televisão, Rádio e Cinema

Élida Vaz

Assessora de Comunicação e Ouvidora

CONSELHO EDITORIAL

Élida Vaz (Assessora de Comunicação/MULTIRIO) • **Leny Datrino** (Diretora do Departamento Geral de Educação/SME) • **Marcos Ozorio** (Diretor da Diretoria de Mídia e Educação/MULTIRIO) •**Maria Inês Delorme** (Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO) •**Martha Neiva Moreira** (Editora/NPI-MULTIRIO) • **Rita Ribes** (Professora do Departamento de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro) • **Silvy Rosalem** (Assessora Especial do Gabinete da Secretária/SME)

CONSELHO DE COLABORADORES

Cláudia Reis (4ª CRE) • **Cristina Campos** (Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO) •**Cristina Salvadora Ferreira** (5ª CRE) • **Guilherme F. De A. Degou** (9ª CRE) • **Irinéia Simone****Cortes Tourinho** (Assessoria de Integração/MULTIRIO) • **Joelma de Souza Vieira** (8ª CRE) •**Letícia Carvalho Monteiro** (6ª CRE) • **Marcia Elizabeth N. M. Vicent** (7ª CRE) • **Maria Alice****Oliveira da Silva** (DGED/SME) • **Maria Teresa L. M. Coelho** (Diretoria de Mídia e Educação/MULTIRIO) • **Marize Peixoto** (1ª CRE) • **Norma Suely** (10ª CRE) • **Rosilene Adriano Mattos** (2ª CRE) • **Solange Maria Campos** (3ª CRE) • **Sueli Batista** (10ª CRE)

EQUIPE DE PRODUÇÃO

GERÊNCIA PEDAGÓGICA: **Cristina Campos** e **Joanna Miranda**GERÊNCIA DE JORNALISMO: **Martha Neiva Moreira** (editora) • **Renata Petrocelli** (subeditora) •**Fábio Aranha, Carolina Bessa** e **Bete Nogueira** (reportagem) • **César Garcia**

(copidesque e revisão)

GERÊNCIA DE ARTES GRÁFICAS: **Flavio Carvalho** (gerência) • **Cláudio Gil** (coordenação),**Adriana Simeone, Aline Carneiro, David Macedo** e **Gustavo Cadar** (designers) •**Vivian Ribeiro** (produção gráfica)**Alberto Jacob Filho** (fotografia)Impressão: **Cidade América Artes Gráfica**

Tiragem: 36.500 exemplares



EMPRESA MUNICIPAL DE MULTIMEIOS LTDA.

Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22260-210

www.multirio.rj.gov.br ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br

Central de atendimento: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212



Desenho da aluna Maria Luíza N. Dantas
9 anos – 3ª série
E. M. Guimarães Rosa (8ª CRE)

4 editorial

5 cartas

6 ponto e contraponto

Policial com tempero carioca

13 carioca

Parcerias pela preservação

14 pan 2007

A sétima arte em ebulição

17 contos americanos

Miséria

18 parceria

Família, saúde e cidadania

19 século XX1

TV e 'web': duelo de titãs

21 professor on line

Sinal verde para a democracia

22 rede fala

Uma sala do tamanho do mundo

23 olho mágico

Novidades no Rio, a cidade!

24 caleidoscópio

Relações de ensino em pauta

26 capa

O poder narrativo da imagem

32 artigo

Da arte de despertar imagens

34 atualidade

Escolhas nem sempre fáceis

37 presente do futuro

Um olhar sobre a timidez

41 pé na estrada

Arte a serviço da geometria

Sintonia com a comunidade

45 perfil

Dedicado guardião da floresta

47 foi assim

Vias que aproximam a cidade

49 tudoteca

50 MULTIRIO na TV

A força da imagem

Vivemos em uma sociedade bombardeada por imagens. Neste ano em que estamos tratando das diferentes formas de narrativa, buscamos entender quando uma imagem pode contar uma história. Um quadro ou uma fotografia por si só conta uma história? Depende do observador? A matéria de capa deste número discute essas questões, ouvindo diversos profissionais.

Uma das primeiras experiências do convívio social se dá quando a criança entra na escola. Se ela é tímida, sente mais as consequências. É importante que os professores observem e incentivem seus alunos à participação nas atividades. Este tema é tratado na seção *Presente do Futuro*. Uma experiência bem-sucedida que resultou em maior cooperação entre os alunos de escola da 6ª CRE é contada na seção *Pé na Estrada*; e na seção *Rede Fala* uma professora da 3ª CRE escreve sobre os desafios de uma escola ciclada.

Nossa cidade, o Rio de Janeiro, está presente em nossas páginas nas várias seções de NÓS DA ESCOLA, que mostram os benefícios da adoção de locais por empresas privadas, do Programa Saúde da Família, além da história de seus vários túneis e outras do guarda que trabalha na Floresta da Tijuca.

Não deixem de ler a entrevista do escritor Luiz Alfredo Garcia-Roza, contando o seu processo de criação e o artigo da professora Ana Luíza Smolka, para quem a produção histórica de signos e sentidos afeta e constitui as formas de sentir, pensar, falar e agir.



Sônia Mograbi
Secretária municipal
de Educação

Fique por dentro de tudo que a MULTIRIO faz pra você

Cadastre seu e-mail e receba semanalmente Notícias MULTIRIO

Acesse www.multirio.rj.gov.br ou ligue para 2528-8282



Edições anteriores

Sou professora da Rede e coleciono a revista NÓS DA ESCOLA. Gostaria de receber alguns números que não tenho. Vocês me enviariam? Como devo proceder?

Aline Chibatar de Farias

- Pedimos que a professora entre em contato com a coordenação da 6ª CRE para verificar se há ainda algum exemplar de alguma edição disponível. Sugerimos ainda acessar o Portal da MULTIRIO (www.multirio.rj.gov.br), onde a professora encontrará todas as edições de NÓS DA ESCOLA em versão .pdf. Esses arquivos poderão ser impressos em qualquer impressora.

Américas

Quero elogiar o artigo *Nova democracia nas Américas*, publicado em NÓS DA ESCOLA n. 45, p. 11. O texto é claro e tem importantes informações para nós, professores da Rede. Muito bom! Em ano de Pan-americano, será útil em todas as escolas. E este número da revista está realmente bom, pois traz também o artigo das professoras Maria Alice e Fátima Cunha. Um primor!

Marta C. Silva

Texto e foto

Enviei um texto por correio eletrônico para publicação na seção *Rede fala*. Se for aceito, gostaria que em vez de minha foto fosse publicada uma imagem que tivesse a ver com o texto. Posso enviar outros artigos? Gostaria de aproveitar e transmitir os meus parabéns a esta excelente publicação.

Imaculada Conceição Manhães Marins

Professora da E. M. Mário Piragibe (Anchieta, 6ª CRE)

- NÓS DA ESCOLA agradece os elogios. Seu texto será avaliado por nossa equipe e assim que tivermos uma posição avisamos por *e-mail*. Sempre que quiser, envie-nos os seus textos que avaliaremos com todo o prazer. Quanto à imagem, temos como regra do projeto editorial publicar somente a foto do autor dos artigos.

Postais

Gostaria de agradecer publicação dos postais produzidos pelos alunos da E. M. Bélgica, na edição de setembro de 2006. A publicação coincidiu com a comemoração do cinquentenário de nossa escola, o que provocou comoção em nossos alunos. Eles não acreditaram que eu tinha enviado seus desenhos para a

revista. Nossa comunidade escolar é muito carente, e por isso mesmo sua auto-estima é baixíssima. Vocês não têm noção da felicidade das crianças em ver os desenhos publicados! Durante a festa, com a presença do cônsul da Bélgica, esses alunos foram homenageados por sua criatividade. Eles ficaram ainda mais motivados e, pensando no Pan, tiveram a idéia de criar *outdoors* com a figura do mascote dos Jogos, que enviarei a vocês.

Gláucia S. Guimarães

Professora da E. M. Bélgica (Guadalupe, 6ª CRE)

- Que bom que a publicação dos desenhos incentivou mais ainda a criatividade de seus alunos. Vamos aguardar os *outdoors* do Pan para publicar na revista especial sobre o tema, em junho.

Correção

- Na NÓS DA ESCOLA n. 46, na seção *Pé na estrada (Iniciativa transformadora na 4ª CRE)*, foi publicado erroneamente o nome da escola em que estuda a aluna Vanessa Raquel de Almeida Laurindo. Vanessa é presidente do grêmio da E. M. Luiz César Sayão Garcez, e não da E. M. Francisco José de Oliveira Viana, como foi publicado.

ESCREVA PARA O NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS DA MULTIRIO

Largo dos Leões, 15 - 9º andar, sala 908 - Humaitá - CEP 22260 210 - Rio de Janeiro - ou mande *e-mail* para multirio_dpúb@rio.rj.gov.br

Para colaborar com a seção Rede Fala envie-nos seu artigo. O texto deve ser digitado em fonte Arial, corpo 12, e ter, no máximo, 6 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos a avaliação e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.

Visite nosso *site*: www.multirio.rj.gov.br

Policial com tempero carioca

Ao criar um homem comum, sem qualquer genialidade, mas com valores morais sólidos, o psicanalista Luiz Alfredo Garcia-Roza se transformou em um consagrado autor de romances policiais traduzidos em oito idiomas diferentes, em 12 países. O primeiro deles, *O silêncio da chuva*, de 1996, ganhou os Prêmios Jabuti e Nestlé, e desde então o autor se dedica a narrar as aventuras ambientadas nas ruas do Centro e de Copacabana de um certo delegado Espinosa, que de célebre só tem mesmo o nome (inspirado no filósofo holandês Baruch Spinoza). O fato de seu personagem ser um policial comum é o que na opinião do escritor encanta o seu público. “Qualquer leitor pode se identificar com ele. Não é o mais inteligente do mundo, não é o mais ágil ou o que atira melhor, mas é um funcionário público que está a nosso serviço, e enquanto tal é humano como qualquer um de nós”, ressalta.

Em plena atividade, escrevendo seu oitavo livro de ficção, o autor diz que não segue um método estabelecido de criação: apenas parte de um fato corriqueiro para desenvolver a trama. Entretanto, como resolveu trocar os quase 35 anos de vida acadêmica na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), lecionando Teoria Psicanalítica, pelo ofício de escritor, ele o faz com zelo e disciplina. Todos os dias se senta em frente ao computador e tem como companheiro apenas o seu personagem. É o momento em que traça as linhas da vida do delegado Espinosa, que para a alegria dos leitores, não tem previsão de fim. Ao contrário de muitos autores cansados de suas criações, nunca passou pela cabeça de Garcia-Roza matar o delegado. A seguir a entrevista completa.



Como é o seu processo de criação de livros de ficção?

Não tenho um método preestabelecido. Geralmente começo a escrever uma história a partir de um fato qualquer do cotidiano, que não tem nenhuma importância especial. E a partir dele, vou desenvolvendo um pequeno núcleo, que vai me fornecer um ou dois personagens e um determinado meio, um entorno desse personagem. Depois desdobro a história, o número de personagens vai aumentando, a própria geografia onde a história se dá vai se ampliando. Portanto, um ponto de partida que era extremamente simples e sem importância vai se complicando e ganhando (ou insinuando) o significado central da trama.



Houve algum momento em que foi necessário mudar o rumo da história?

Muitas vezes. Como começo assim, tenho isso e mais nada. Não há um fim prévio. Quando começo a história, não tenho *a priori* nada determinado quanto a ela. Não tenho também o meio da história. Alguns livros que começo não sei sequer o que vai acontecer no capítulo seguinte.

Mas existe uma disciplina na hora de escrever, com horários determinados durante o dia?

Sem dúvida. Eu trabalho todo dia. Na verdade, eu estou trabalhando 24 horas. Mas todo dia eu me sento e escrevo. Até porque se não houver uma disciplina, o rendimento cai muito. Se eu for escrever um pouco agora e depois daqui a

quatro dias e pular uma semana, vou demorar anos escrevendo um livro.

Existe uma média de tempo em que o senhor escreve um livro?

Nos 10 anos em que escrevo ficção, estou no oitavo livro. São sete publicados e um ainda estou escrevendo. Dá uma média de dois livros a cada três anos. É uma média bastante boa.

O delegado Espinosa, personagem de todos seus livros de ficção, já estava na sua imaginação antes de existir uma história para ele?

Não. O meu personagem principal, que é o inspetor e depois delegado Espinosa, foi criado no primeiro livro. Ele surge a partir do meu ▶

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO



propósito de fazer ficção. Se eu tivesse durante anos esse personagem na cabeça, teria começado a escrever mais cedo.

O senhor também é psicanalista. É muito diferente o processo de criação de um livro conceitual, teórico e o de um romance policial?

Inteiramente diferente. Um é teórico-conceitual. Tem uma normatividade própria, uma estrutura própria, uma codificação interna própria e uma série de exigências típicas, sobretudo por ser um trabalho conceitual. E outra coisa é a ficção, em que você está totalmente livre. Em um trabalho conceitual-teórico, quando trabalhava os textos psicanalíticos, eu tinha Freud como referência. O meu trilho era a obra completa do Freud, fora os comentadores. Portanto, é um trabalho em que você caminha em um determinado trilho dentro de uma determinada estrutura. No trabalho teórico, você está bastante apoiado, protegido, digamos assim, e ao mesmo tempo, coagido. Na ficção, você está livre, não há nada predeterminado no seu trabalho.

Em que livro o processo de criação foi mais árduo e demorado?

Existem alguns mais difíceis. Sem dúvida alguma, o que foi mais difícil, no sentido de que o desamparo era muito maior, foi o primeiro livro *O silêncio da chuva*. Como eu não tinha escrito ficção antes, era o livro no qual eu estava me constituindo como escritor de ficção. Era um salto no escuro. Eu não sabia sequer se conseguiria fazer uma novela de ficção. Ele teve esta dificuldade inicial porque não se beneficiou de um livro anterior que me encorajasse. A partir do momento em que *O silêncio da chuva* ganhou dois prêmios bons, como o Jabuti e o Nestlé, aí me senti impulsionado, quase compelido a escrever o segundo. Mas já tinha o benefício de ter escrito o primeiro e de ele ter sido bem aceito.

Quais são os ingredientes para fazer uma boa história policial?

É difícil dizer. Se eu perguntar a você: "Existem ingredientes para se fazer um boa comida?", todo mundo vai dizer quais são, mas nem sempre se consegue fazer uma boa comida com

aqueles ingredientes. Não basta tê-los, e mais ainda: não existe fórmula. As vezes você tem os ingredientes certos, mas a massa desanda. Se houvesse fórmula garantida para escrever, todo mundo seria escritor.

Houve planejamento para mudar de rumo profissional, deixar a psicanálise para se dedicar à literatura? Escrever ficção era um desejo antigo seu ou nasceu mais ou menos na época em que o senhor escreveu *O silêncio da chuva*?

A mudança de rumo é a da minha vida acadêmica para a de ficcionista. Foi a partir do momento em que desejei fazer essa mudança que comecei a pensar que tipo de ficção eu faria e, no caso de optar pelo romance policial, que tipo de personagem central eu escolheria para as minhas histórias. Aí que o Espinosa começou a ser esboçado literariamente para mim.

No primeiro livro o senhor já pensava em continuar a história do Espinosa?

Pensava. Aliás, se esse primeiro fosse bem recebido.

De que personagens de romances policiais o senhor mais gosta?

Tem um que eu gosto particularmente, que é o da Patricia Highsmith, o Tom Ripley. Ele é um grande personagem, é quase um psicopata, é amoral. É um sujeito que comete crimes sem cerimônia e é o herói das histórias dela. No *Talentoso Ripley*, livro de Patricia que se transformou no filme *O sol por testemunha*¹, todo mundo torce pelo bandido. Há outros interessantes também

como Nero Wolf², do Rex Stout, o Sam Spade³, do Dashiell Hammett, enfim, há muitos.

O senhor sempre foi leitor de literatura policial?

Desde a minha adolescência. Comecei com Sherlock Holmes, de Conan Doyle. Eu era muito novo e foi o que me fez esta passagem para a leitura da novela policial. A partir dele, fui me empolgando, lendo Raymond Chandler⁴, Dashiell Hammett, Rex Stout, Agatha Christie, George Simenon⁵.

Quais são os traços mais marcantes do delegado Espinosa? O que mais chama atenção nele?

Exatamente o fato de nenhum [traço] chamar atenção. O Espinosa não é fantasticamente gordo como Nero Wolf, nem atlético e briguento como o Marlowe do Raymond Chandler; não é particularmente cerebral e astuto intelectualmente como Sherlock Holmes. Em suma, ele não é muito bonito, mas também não é feio. A minha idéia era exatamente fazer do Espinosa um homem comum. Ele tem algumas peculiaridades. A única coisa que digo dele no começo das minhas histórias é que tem 42 anos de idade, é mais para alto, é mais para magro, talvez. Ele é uma pessoa calma, trata os outros polidamente, não é um sujeito violento. Não é erudito, mas gosta de ler. Foi criado por uma avó que era tradutora, então foi habituado a ler sempre. Tem um gosto pela leitura sem ser pedante ou intelectualizado por causa disso. É um indivíduo bastante comum, que poderia ser seu vizinho e você nem se daria conta de que ele seria um delegado de polícia.

¹*O sol por testemunha*, dirigido pelo francês René Clément, em 1960, teve o ator Alain Delon no papel de Ripley

²Nero Wolf é um detetive gordo e carismático criado pelo escritor norte-americano Rex Stout (1896-1975) que já foi comparado com o colega belga Hercule Poirot, de Agatha Christie. O personagem está presente em livros como *Aranhas de ouro*, *A liga dos homens assustados*, *A caixa vermelha*, entre outros.

³Sam Spade é o detetive particular criado pelo escritor norte-americano Dashiell Hammett e está presente no romance *O falcão maltês*. O personagem foi criado inicialmente em 1929, aparecendo pela primeira vez na revista *Black Mask*.

⁴Raymond Chandler (1888-1959) foi um escritor norte-americano de histórias policiais. No início dos anos 1930 publicou histórias policiais na revista *Black Mask*. O primeiro romance *À beira do abismo*, de 1939, teve como personagem principal o detetive Philip Marlowe, herói de mais seis romances.

⁵George Simenon (1903-89) é um escritor belga de língua francesa. Em 1930, escreve uma série de novelas para *Detective*, coleção encomendada por Joseph Kessel, onde aparece pela primeira vez o comissário Jules Maigret. O personagem aparece em 75 novelas e 28 contos e foi o mais popular escrito pelo autor.

Ele é muito ligado a Copacabana e, no entanto, faz sucesso no exterior.

Seria porque Copacabana é conhecida mundialmente?

Acho que por pertencer a Copacabana, isso dá a ele uma intensidade que não teria. Ficaria um pouco solto se não fosse isso. Assim como o Sam Spade está intimamente ligado a San Francisco ou como o Marlowe a Los Angeles, Nero Wolfe a Nova York e o Maigret a Paris, o Espinosa está ligado ao Rio de Janeiro. É como se a cidade fosse o corpo próprio da história deles. A universalidade está ligada justamente a essa particularidade.

O Espinosa foi inspirado em alguém?

Não. Eu não tinha nenhum interesse em fazer um trabalho documental ou jornalístico. A minha história é pura ficção. A única coisa que não é ficcional é que o meu delegado trabalha na 12ª DP [delegacia de polícia], em Copacabana, porque eu precisava localizá-lo. Mas a própria 12ª DP, desde que eu comecei a escrever *O silêncio da chuva*, mudou inteiramente. O prédio já foi reformado e o modo de funcionar é diferente. Aliás, na primeira história ele ainda não estava lá, estava na Praça Mauá, onde funcionam a 1ª e a 3ª DP. Só depois que o mudei para a 12ª DP por questão de conveniência e também para

justificar a passagem dele de inspetor para delegado. Isso era também importante para a estrutura da história. Eu não estou preocupado em voltar à delegacia e ver quais são as diferenças para corrigir. Eu localizei o Espinosa nesta delegacia porque eu queria o universo de Copacabana. Também não tinha interesse em desenhar muito bem o Espinosa para deixar o leitor fazer isso. Eu dou uma linha geral e cada leitor constrói o seu Espinosa. Cada um tem um Espinosa próprio, íntimo.

O senhor chegou a conhecer algum delegado da 12ª DP?

Conheci dois. Eu fui lá quando estava escrevendo, quando tirei o Espinosa da Praça Mauá e o transferi para Copacabana. Nem sempre os delegados se interessam [pelas histórias]. Tem um da 14ª DP que é leitor do Espinosa.

E ele tem alguma característica que lembre o Espinosa?

Até que tem, os valores do Espinosa.

O senhor pensa em escrever algum outro romance fugindo da linha policial?

Eu escreveria. Mas acontece o seguinte: o romance policial tem vantagens. Não é muito extenso, tem de 200 a 300 páginas, não muito mais que isso. E também não pretende se apro-



fundar nos personagens secundários. Não tem grandes vôos, é despretensioso no sentido de abarcar uma realidade até as suas últimas conseqüências. O que ele pede do autor é uma certa perspicácia em conduzir a história de forma sedutora e ao mesmo tempo inteligente, para jogar com a inteligência do leitor. É uma coisa que você pode fazer com um certo limite de tempo.

O senhor pesquisa os locais em que são ambientadas as histórias?

Eu conheço muito bem Copacabana, onde as histórias são ambientadas, como conheço bem o Rio de Janeiro. Eu vou a um local às vezes dar uma olhada, para ver se algum detalhe que tenho na memória corresponde à realidade, mas não é pesquisa, pesquisa aí é um termo um pouco pretensioso. Faço isso quando é importante para a história, como por exemplo, verificar a mão de uma rua.

O senhor já se baseou em algum método de investigação policial?

Nem sei como eles trabalham particularmente. E nem me interessa, porque aí eu deixo de fazer ficção e passo a fazer documentário.

Alguma notícia de jornal influenciou as suas histórias?

Certas matérias jornalísticas sobre meninos de rua foram importantes para as minhas histórias. Eu coletei um material sobre o assunto, que complementei com leitura de livros sobre menores abandonados. Essa foi a única vez em que utilizei material e livros. Não que eu seja contra.

Na sua opinião, se suas histórias fossem ambientadas em outra cidade do Brasil, a narrativa teria tanta força, seria tão instigante?

Não sei. Acho que o fato de eu ter uma intimidade tão grande com parte do Rio de Janeiro me dá uma certa familiaridade, que confere à minha narrativa uma verossimilhança, um colorido, uma tonalidade emocional que talvez não tivesse se fosse em um bairro ou uma cidade que eu não conhecesse tão bem. Eu vou muito a São Paulo, conheço bem, mas não tenho intimidade com a cidade. Se eu fosse escrever uma história passada em São Paulo, obviamente certas nu-

ances, certos coloridos se perderiam. E esses coloridos é que dão uma tonalidade emocional. Conheço também Porto Alegre, mas não tenho intimidade.

O senhor nunca pensou em trabalhar com uma cidade ficcional?

Não. Disso não gosto. Eu prefiro fazer ficção em um mundo que é real, com cidades reais. Toda narrativa que se passa em uma cidade fictícia vai pender para uma narrativa fantástica ou vai soar artificial. Tem um autor policial que criou uma cidade fictícia onde a história se desenvolve. Eu leio aquilo e sinto que é uma falsa cidade que eu conheço. Quando ele descreve, você sente que é Nova York, mas não é Nova York. Fica um negócio falso.

O senhor é um apaixonado pelo Rio de Janeiro?

Muito. É uma cidade literalmente maravilhosa, com todas as suas doenças, a sua degradação, mas ainda é a cidade que eu escolheria para morar. Gosto muito de São Paulo também, mas não tem mar. É o oposto radical do Rio de Janeiro e talvez por isso eu goste dela. Se eu tivesse nascido em São Paulo, eu certamente viveria bem lá. Não gosto de cidade pequena.

No seu entendimento, a polícia do Rio pode resolver o problema da violência?

Isso é algo que ultrapassa e muito a questão policial. É uma questão social, econômica, educacional. A polícia é apenas um elemento desse contexto.

Faz falta na nossa cidade um policial como o Espinosa?

Falta. Nem todo policial é corrupto, evidentemente. Existem alguns decentes. Um dos que conheci logo que fui fazer um *tour* nas delegacias, era um sujeito ótimo, correto. Lamentavelmente morreu um pouco depois num desastre de automóvel, nem foi em ação policial. Já conheci policiais decentes. Hoje em dia você tem uma quantidade enorme de mulheres na delegacia, como delegadas, inclusive. Aquela imagem do policial grosseirão, truncado, do sujeito com correntes de ouro, óculos escuros, o retrato do troglodita não existe mais. Pode haver um policial ou outro.

O senhor pretende seguir com as aventuras do delegado Espinosa ou há a possibilidade de matá-lo em algum momento, como fazem os escritores que se sentem presos a seus personagens? Antes que ele me mate, não é? [risos]. A questão é exatamente esta. Isso já aconteceu. Conan Doyle matou Sherlock Holmes e teve que ressuscitá-lo. Foi um *auê* danado. Imagina Rex Stout matando Nero Wolf? Ele ia morrer junto. Às vezes um personagem cansa o autor, ele passa a ser de tal modo ligado àquele personagem, passa a ser tão presente no fazer literário do autor, que quase que, ao ligar o computador, o autor tem que pedir licença ao personagem para começar a trabalhar. Quando isso acontece, o escritor tende a dar fim a um personagem e criar um novo. Um autor que eu gosto muito, Lawrence Sanders⁶, tem três séries diferentes de livros com três personagens centrais que ele alterna de acordo com o momento, com a história. Essa seria uma solução. Um dos personagens dele, o Matthew Scudder, é quase um fascinador. Ele faz investigações meio marginais. E tem um outro principal, Bernard Rhodenbarr, que é um sujeito sofisticadíssimo, um antiquário, que vai na casa das pessoas ver tudo o que tem e depois volta para roubar. Só que deste ele se cansou rapidamente. Acabou ficando o Matthew. Há um terceiro também. Eu não sei o que ele vai fazer, se vai criar um quarto ou vai pegar um desses três e seguir. No caso do meu personagem, que é o Espinosa, ele agradou muito. Acho que aconteceu isso porque é um homem comum. E por isso qualquer leitor pode se identificar com ele. Não é o mais inteligente do mundo, não é o mais ágil e que atira melhor, é um funcionário público, como o policial é mesmo. Um funcio-

⁶Block nasceu em 1938 e é um dos mais famosos escritores norte-americanos de mistério, e tem como personagens principais o detetive particular Matthew Scudder, que luta contra o alcoolismo, e o ladrão bibliófilo e livreiro nas horas vagas Bernard Rhodenbarr. O autor recebeu o título de Grande Mestre pela Mystery Writers of America, em 1993, o mais prestigiado prêmio da área. O personagem Scudder surgiu na década de 1970 em *Os pecados dos pais*. Além de Scudder e Rhodenbarr, Block escreveu oito novelas com Evan Tanner, um aventureiro e revolucionário acidental que, ferido na Guerra da Coreia, não conseguia dormir.



nário que está a nosso serviço e, enquanto tal, é humano como qualquer um de nós.

Então o senhor nunca teve a intenção de matá-lo...

Não. Até porque ele me sustenta um bocado [risos]. O oitavo livro, que ainda estou escrevendo, é sobre ele.

Por que o Brasil não tem uma tradição em literatura policial?

A imagem da polícia no Brasil até recentemente era da polícia puramente repressiva, da polícia política, que não estava aí para resolver crimes, mas para separar subversivos, prender quem estivesse em desacordo com a ordem constituída – era prender o diferente. Isso tornou a polícia odiosa. Ela existia para bater e torturar as pessoas. Então, como você vai escrever história policial se a imagem que você tem da polícia é essa? Não havia solo para isso. A outra possibilidade era escrever uma história do policial não pertencendo ao aparelho do Estado, mas um detetive privado. Mas esse tem menos tradição ainda [no Brasil]. O investigador privado aqui é o indivíduo que está a serviço de corporações de seguros, de sei lá de quê ou a serviço de maridos que tentam seguir as mulheres ou vice-versa. Agora está começando a mudar. A minha idéia é a seguinte: a polícia é necessária, é impossível em uma estrutura social ou numa comunidade com 10 milhões de pessoas não ter polícia. Agora, o fato de que ela está aí no sentido de ser um agente da lei não significa que ela tenha de ser violenta. A lei não precisa agir com violência. Fazer da polícia uma instituição estúpida e agressiva é achar que a Justiça é assim. É preciso investir no setor de inteligência. Quem sabe um dia chegamos lá? ■

Parcerias pela preservação

Programa de Adoção da FPJ convida cariocas para ajudarem na conservação de áreas públicas

Muito antes de se discutir a criação das parcerias público-privadas (PPPs) para grandes projetos nacionais, um trabalho simples e no mesmo sentido vem favorecendo a revitalização de locais públicos da cidade. A proposta do Programa de Adoção de Áreas Verdes, da Fundação Parques e Jardins (FPJ), da Prefeitura do Rio, permite aproximar a iniciativa privada, a sociedade civil e o poder público, ampliando os conceitos de ecologia nos vários segmentos da sociedade. Para a secretária municipal de Meio Ambiente, Rosa Fernandes, este é um tema interessante. “É possível vislumbrar uma nova tendência na cidade e isso tem despertado a consciência de que a conservação do patrimônio verde não cabe exclusivamente à administração pública, e sim a cada um de nós”, esclarece.

O programa, que conta atualmente com cerca de 200 adoções entre praças, jardins, canteiros, monumentos e árvores, preserva uma área correspondente a 1,5 milhão de metros quadrados. Os cariocas, reunidos em pequenas associações ou mesmo individualmente, mobilizam-se pela conservação da pracinha do bairro, das árvores da rua ou de um pequeno jardim. “O engajamento de novos parceiros mostra que a colaboração popular é fator indispensável às questões que envolvem o meio ambiente nos grandes centros urbanos”, afirma Rosa.

Dois exemplos recentes ilustram essa nova tendência. O primeiro partiu de um grupo de

jovens moradores preocupados com as altas temperaturas registradas no bairro de Vila da Penha, na Zona Norte, que tem poucas árvores. O pedido de adoção resultou no plantio, pela administração municipal, de 260 mudas em 10 ruas, com o compromisso do grupo de mantê-las e reduzir os índices de vandalismo praticados no bairro. Para isso, atuam como verdadeiros agentes ambientais junto à vizinhança, divulgando os benefícios da arborização. Os resultados têm sido gratificantes e o modelo, seguido por moradores de outros bairros.

Outra iniciativa partiu de uma pequena agência de comunicação empenhada em revitalizar e devolver a beleza natural da Pedra do Arpoador, reduto cultural dos anos 1980, no bairro de Ipanema. Para a secretária Rosa, a proposta de adoção pode envolver também a participação dos funcionários da empresa, empenhados em desenvolver ações criativas que levem outros cariocas a participar da conservação local, despertando a consciência crítica em relação ao uso e à preservação ambiental deste e futuramente de outros pontos turísticos naturais da cidade. “Esta é uma ajuda da qual nenhum gestor público pode prescindir”, conta a secretária.

Segundo Rosa, há também iniciativas individuais, como a de um morador de Botafogo que adotou os ipês plantados em sua rua; e de uma senhora, em Vila Isabel, que cuida da árvore em frente à sua casa. ■

TEXTO

BRIGIDA PEREIRA PIRES, DA
FUNDAÇÃO PARQUES E JARDINS

Como adotar uma área ou monumento

- Os candidatos devem ir à sede da Fundação Parques e Jardins, no Campo de Santana. No caso de empresa privada, devem ser apresentados os seguintes documentos: contrato social, CNPJ, identidade e CPF do representante legal. Se o adotante for pessoa física, basta levar CPF e comprovante de residência.
- Para condomínio, clube ou associação, exige-se a apresentação do estatuto da instituição, CNPJ, ata da assembléia que nomeia o síndico, diretor ou presidente, identidade e CPF do síndico, diretor ou presidente.
- O adotante firma o compromisso de contratar jardineiros ou firmas especializadas credenciadas pela FPJ.

SERVIÇO

Fundação Parques e Jardins
Campo de Santana s/nº,
Praça da República, Centro
www.rio.rj.gov.br/fpj

A sétima arte em ebulição

Produção cinematográfica latino-americana está em alta e desperta a atenção do mundo todo

TEXTO FABIO ARANHA
FOTO DIVULGAÇÃO

A última década testemunha a ascensão do cinema latino-americano. Uma nova safra de diretores desponta no México e na Argentina e chama atenção para os filmes produzidos ao sul dos Estados Unidos. A boa fase se reflete no sucesso em festivais e premiações internacionais. O grande público brasileiro, porém, permanece alheio às novidades que vêm de nossos vizinhos: os filmes latino-americanos são pouco vistos no Brasil.

As indicações ao Oscar 2007 não deixaram dúvidas: o cinema do México está em alta. No total, foram 16 indicações para filmes dirigidos

por cineastas mexicanos, incluindo a de melhor filme para *Babel*, de Alejandro Gonzalez Iñárritu. Juntam-se à obra de Iñárritu, que teve sete indicações, *O labirinto do fauno*, de Guillermo Del Toro, (seis indicações) e *Filhos da esperança*, de Alfonso Cuarón (três). Apesar de não terem vencido nas categorias principais, as indicações da Academia já demonstram a força e a qualidade do cinema mexicano. Mas não é apenas o cinema mexicano que brilha. Na Argentina também a cena cinematográfica está em ebulição e vem produzindo bons frutos. A crise econômica e política que assolou recentemente o país resultou em endividamento, pobreza e queda no nível de vida da população. Esses efeitos foram retratados pelo cinema local.

O imortal do cinema brasileiro

Com 78 anos de idade, mais de 50 de carreira e mais de 20 filmes no currículo, Nelson Pereira dos Santos é um dos principais nomes da história do cinema brasileiro. Primeiro cineasta a ser eleito para a Academia Brasileira de Letras (ABL) em 2006, Nelson marcou uma nova fase no nosso cinema com obras que buscavam a identidade da nação. Seu primeiro trabalho, *Rio 40 graus* (1955) e *Rio zona norte* (1957) são pioneiros ao retratar sem preconceitos a cidade a partir da favela e ao denunciar o racismo e as más condições de vida das comunidades pobres cariocas.

Em 1963, Nelson levou às telas *Vidas secas* – filme baseado na consagrada obra do escritor Graciliano Ramos – e que foi um dos precursores do Cinema Novo, um movimento que procurava um cinema independente e de combate à alienação cultural agravada pelo

regime militar então vigente. Nelson foi um dos expoentes desse movimento, juntamente com nomes como Glauber Rocha, Cacá Diegues, Joaquim Pedro de Andrade e Ruy Guerra. Com *Vidas secas*, o cineasta ganhou o prêmio da Organização Católica Internacional do Cinema (Oci) no Festival de Cannes.

Nelson filmou ainda *Amuleto de Ogum* (1974) e *Tenda dos milagres* (1977), baseado na obra de Jorge Amado, filmes importantes na trajetória do negro no cinema brasileiro. Com *Memórias do cárcere* (1984) – outra adaptação da obra de Graciliano –, o cineasta conquistou o prêmio da crítica especializada no Festival de Cannes e o de melhor filme no Festival de Havana. Da safra mais recente, destacam-se *Raízes do Brasil* (2004), documentário sobre a vida do historiador Sérgio Buarque de Hollanda, e *Brasília 18%* (2006).

Nova safra – “Nos festivais que abrem espaço para filmes culturais, como Cannes, Veneza e Berlim, além de outros menos poderosos, o cinema latino-americano encontra espaço significativo, depois de uma década difícil nos anos 1990. Isso graças ao cinema argentino, revitalizado por jovens cineastas como Lucrécia Martel, Pablo Trapero, Adrián Caetano, Daniel Burman e Pablo Reyero, entre outros”, explica a jornalista e escritora Maria do Rosário Caetano.

O início da década trouxe filmes como *Nove rainhas* (2000), de Fabián Bielinsky; *Plata quemada* (2000), de Marcelo Piñeyro; e *O filho da noiva* (2001), de Juan José Campanella, que se tornaram sucesso de crítica e marcaram a ascensão da Buena Onda, nome dado à nova safra de cinema da América Latina. O rótulo foi criado por brasileiros, mexicanos e argentinos para chamar atenção da imprensa europeia e norte-americana.

Outros trabalhos recentes de destaque são os mexicanos *Amores brutos* (de 2000), que revelou Alejandro Gonzalez Iñárritu, e *E sua mãe também* (2001), de Alfonso Cuarón; o argentino *Abraço partido* (2003), de Daniel Burman; *Diários de motocicleta*, de Walter Salles (2003), uma co-produção Brasil/Ar-



O filme mexicano *O labirinto do fauno* faturou cerca de US\$ 36 milhões nos Estados Unidos, mas foi pouco visto no Brasil

gentina/Chile/Inglaterra/Peru; e o uruguaio *Whisky* (2004), de Juan Pablo Rebella e Pablo Stoll. Dos brasileiros, se destacam *Central do Brasil* (1998), de Walter Salles. e *Cidade de Deus* (2002), de Fernando Meirelles.

Força do ensino – O cineasta Zelito Viana classifica o cinema argentino como o melhor da cena latino-americana. “É sem dúvida o mais criativo, ousado e instigante. Eles [os argentinos] também se destacam quantitativamente. Estão produzindo muitos filmes”. Da safra atual do cinema argentino, Viana destaca *O filho da noiva* e *Clube da Lua*, de Juan José Campanella, além de *Nove rainhas* e *Plata quemada*.

Parte desse êxito pode ser explicado pela força das escolas de cinema locais, fenômeno que, de acordo com Maria do Rosário, assume proporções espantosas na Argentina. “É um país com menos de 40 milhões de habitantes e que tem 15 mil alunos espalhados em dezenas de escolas de cinema. No Brasil, com quase 190 milhões de habitantes, temos cerca de 5 mil alunos matriculados em cursos de cinema”.

Para Viana – que também é diretor do Instituto de Cinema da Universidade Estácio de Sá –, o Brasil está ficando para trás no contexto

do cinema latino-americano. Ele afirma que os filmes nacionais estão melhores tecnicamente e são mais bem produzidos, mas são menos interessantes, têm menos penetração no mercado e são menos vistos. “Há muito tempo não freqüentamos os grandes festivais de cinema. Este ano foi o primeiro em quase uma década que o Brasil teve um filme (*O ano em que meus pais saíram de férias*, de Cao Hamburger) em competição no Festival de Berlim, por exemplo”. Ele cita como uma das razões para o gargalo a dificuldade de captação de recursos para produzir filmes no Brasil. As opções se limitam ao governo e a poucas empresas multinacionais. “Além disso, é uma política concentradora. Temos poucos produtores com acesso aos patrocinadores e também aos distribuidores. Existem muitos filmes produzidos, mas que não conseguem ser exibidos”, afirma.

Fim das utopias – O cineasta afirma que a popularidade do cinema latino-americano é cíclica, lembrando do período fértil dos anos 1950 e 60, quando era fortíssimo em países como Argentina, Cuba e México, que contava com a produtora Pelmex, que distribuía filmes do país para todo o mundo. ▶

A diferença do cinema latino-americano de hoje para o dos anos 1960 é fruto do declínio do conceito de Terceiro Mundo como categoria nos anos 1980, conseqüência das mudanças econômicas e políticas resultantes do fim da Guerra Fria e da crescente globalização mundial, que puseram fim à unidade temática e de estilo dos filmes daquele período. Era um cinema engajado, nacionalista, de denúncia social e política e de luta contra a hegemonia capitalista, cujo maior expoente foi o Cinema Novo.

Maria do Rosário afirma que com o fim das utopias o cinema latino-americano de hoje passa a ser marcado por trajetórias cada vez mais individuais em um tempo que não privilegia o coletivo. Portanto, é de difícil caracterização. “A produção atual é menos explicitamente política, se comparada aos filmes da década de 1960, quando os chamados cineastas novos realizaram retratos contundentes de nossas mazelas políticas, econômicas e sociais. Hoje, são poucos os que apostam na ‘descolonização do olhar’, ou seja, que tentam transgredir as regras narrativas do cinema clássico. O cinema narrativo já não causa espécie à maioria dos cineastas, mesmo os mais qualificados esteticamente”.

Viana ressalta que o cinema latino-americano é eminentemente autoral, mas os caminhos seguidos são diferentes. “O que os une é que a realidade dos países é parecida. São países pobres, emergentes, com sociedades muito desiguais, tentando se afirmar. Há certa uniformidade do ponto de vista temático, mas não do formal, nem de como isso é visto. Nesse sentido, ele é bem plural, felizmente”, ana-

lisa Viana. Mas, apesar da boa fase, o cinema latino-americano ainda é pouco visto no Brasil. Um exemplo é o mexicano *O labirinto do fauno*. O filme chegou a estar em cartaz em 1.143 salas nos EUA e faturou mais de US\$ 36 milhões, tendo sido indicado a seis Oscar, incluindo o de melhor filme estrangeiro. Já no Brasil teve público de pouco mais de 96 mil espectadores. O mesmo vale para outras produções, como *O filho da noiva* (280 mil), *O crime do padre Amaro* (de Carlos Carrera, México, 2001 – 120 mil), *Nove rainhas* (98 mil), *Amores brutos* (88 mil) e *Pantaleão e as visitadoras* (Francisco J. Lombardi, Peru, 1999 – 72 mil).

Maria do Rosário reclama da falta de receptividade dos filmes falados em espanhol no Brasil. Ela credita a uma dificuldade histórica de o país se relacionar com a América hispânica e vice-versa. “A desculpa é a diferença do idioma, pois nós falamos português e eles, espanhol. Mas vivemos plugados nos EUA e eles falam inglês. Sou entusiasta, por exemplo, de iniciativas como o convênio entre a Ancine [Agência Nacional do Cinema] e o Incaa [Instituto Nacional do Cinema e Artes Audiovisuais], da Argentina, que funcionou por dois anos, até 2005. O acordo pretendeu aumentar a distribuição de filmes brasileiros na Argentina e vice-versa. O desafio é imenso, mas o primeiro passo foi dado”, frisa. Viana concorda e credita o problema também à dominância do cinema norte-americano e à queda do número de salas por aqui. “Quando trabalhei na Embrafilme nos anos 70, vendíamos 300 milhões de ingressos e havia 4 mil salas. Hoje, vendemos 90 milhões e não temos nem duas mil salas”. ■

Mais América Latina na tela

- *A espinha do diabo*, México, Guillermo Del Toro, 2001.
- *Valentín*, Alejandro Agresti, Argentina, 2002.
- *Kamchatka*, Marcelo Piñeyro, Argentina, 2002.
- *Lugares comuns*, Adolfo Aristarain, Argentina, 2002.
- *Hoje e amanhã*, Alejandro Chomski, Argentina, 2003.
- *Suíte Havana*, Fernando Pérez, Cuba, 2003.
- *Machuca*, Andrés Wood, Chile, 2003.
- *Cruzeiro do Sul*, Pablo Reyero, Argentina, 2003.
- *Família Rodante*, Pablo Trapero, Argentina, 2004.
- *A menina santa*, Lucrécia Martel, Argentina, 2004.
- *Crônica de uma fuga*, Adrián Caetano, Argentina, 2005.
- *Elsa e Fred – um amor de paixão*, Marcos Carnevale, Argentina, 2005.
- *O violino*, Francisco Vargas Quevedo, México, 2006.

Miséria

Miséria

ILUSTRAÇÃO CLÁUDIO GIL

Contam que havia um homem que se chamava Miséria e era ferreiro. Já cansado da pobreza, porque não tinha o que dar de comer a seus filhos, resolveu entregar a alma ao diabo por três sacas de dinheiro. No prazo de um ano o diabo deveria vir para levá-lo.

Um dia, aparece um velhinho esfarrapado em um cavalo magro e sem ferradura.

O ferreiro lhe deu hospedagem, sua mulher cuidou da comida e a roupa, e ele colocou a ferradura no cavalo. Quando o velhinho quis ir embora, falou para o ferreiro:

– Com que vou lhe pagar o favor que me fez?

– Não é nada.

– Bom, lhe darei três dons: quem sentar nessa cadeira não se levantará até que você lhe ordene; quem entrar nessa saca não sairá sem que você ordene e quem subir nessa noqueira não poderá descer até que você ordene.

O velhinho, que na verdade era Deus, se despediu e foi embora.

Quando se cumpriu o prazo, veio o diabo para levá-lo e o ferreiro lhe disse:

– Espere que eu termine de fazer uma ferradura, sente-se e descanse nessa cadeira.

Quando acabou de fazer a ferradura disse para o diabo:

– Vamos embora!

E como o diabo não podia se levantar, ficou sentado.

Passado um tempo, o diabo falou para o ferreiro que se o deixasse levantar da cadeira iria lhe perdoar a vida por mais um ano. O ferreiro lhe ordenou que se levantasse e o diabo foi embora.

Quando passou mais um ano, vieram três diabos para levar o ferreiro, mas o homem lhes disse:

– Esperem que eu acabe de fazer esta ferradura; subam para comer nozes.

Os diabos subiram no pé da noqueira e não puderam descer. Desesperados, disseram ao ferreiro que iriam perdoar-lhe mais um ano de vida se ele os deixasse descer. Então o ferreiro ordenou aos diabos que descessem e eles se foram.

No ano seguinte vieram 50 diabos para levar o ferreiro, mas ele falou:

– Eu vou, mas antes gostaria que vocês entrassem todos nessa saca.

Os diabos se meteram na saca e o ferreiro pegou um pau e bateu neles com força.

Os diabos lhe pediram que os deixasse ir, que iriam perdoar-lhe a vida se os tirasse de dentro da saca. O ferreiro assim o fez e os diabos foram embora.

Quando Miséria morreu, Deus não o recebeu no céu por ter vendido a alma ao diabo. Desceu ao purgatório e também não foi aceito. Então foi ao inferno e os diabos quando viram que era Dom Miséria saíram correndo, lembrando dos golpes que tinham levado dentro da bolsa, e fecharam todas as portas do inferno.

Então aí ficou Dom Miséria, sem entrar em nenhum lado, porque nem o céu, nem o purgatório, nem o inferno o queriam, e dizem que desde então a Miséria anda pelo mundo e nunca se irá, porque ninguém quer recebê-la. ■

Este conto faz parte do folclore narrativo, tradicional e anônimo da região central e do Norte da Argentina. Foi publicado em *Cuentos folklóricos de la Argentina, 1ª serie*. (Introducción, clasificación y notas por Susana Chertudi). Buenos Aires, Instituto Nacional de Filología y Folklore, 1960. "Literatura y folklore". *El folklore literario*. Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, 1980. Tradução e adaptação: Maria del Carmen Thomas, coordenadora acadêmica do Instituto Cultural Brasil-Argentina do Consulado Geral da República Argentina.

Família, saúde e cidadania

Programa da SMS faz atendimento a pacientes e incentiva organização e participação comunitária

TEXTO
CAROLINA BESSA

Oferecer assistência médica voltada às necessidades de cada comunidade pode ser uma maneira eficaz de prevenir e combater doenças, além de trabalhar outros aspectos sociais. Pensando nisso, a Secretaria Municipal de Saúde (SMS) criou em 1999 o Programa Saúde da Família (PSF), que também promove ações de educação e reabilitação de doentes. A proposta é desenvolver um trabalho de atendimento integral ao paciente e incentivar a organização e participação comunitária. Uma equipe multiprofissional atende aos moradores em unidades do programa e visita residências.

As primeiras equipes de saúde da família começaram a atuar nas comunidades do Borel (Tijuca), Curicica (Jacarepaguá), Canal do Anil (Jacarepaguá), Vila Canoá (São Conrado), Parque Royal (Ilha do Governador) e Vila Carioca (Campo Grande), nas Zonas Norte e Oeste. A partir de convênios com as associações de moradores, alguns espaços comunitários foram cedidos para a atuação dos profissionais do programa. Posteriormente, postos de saúde convencionais foram transformados em postos de saúde da família. Hoje são 43 unidades do programa, funcionando com 125 equipes de saúde da família, 40 do Programa Agente Comunitário de Saúde e mais 49 de saúde bucal.

A equipe mínima do PSF é formada por um médico, um enfermeiro, um auxiliar de enfermagem, além de dentista, técnico em higiene dental e atendente de consultório dentário. O acompanhamento médico permite que o paciente, em caso de necessidade, seja encaminhado às unidades de referência, chamadas de unidades-mãe. No total, estão sendo atendidas 699.505 pessoas.

Visitas domiciliares – Na unidade básica de saúde da família oferece-se atendimento contínuo nas especialidades de clínica médica, pediatria e ginecologia. O posto do PSF é a porta de entrada do sistema de saúde, já que substitui as

práticas convencionais de atendimento médico. Os profissionais dessas unidades fazem visitas domiciliares e capacitam agentes comunitários, que participam do trabalho de prevenção, educação e promoção de saúde, criando assim um vínculo com a comunidade.

De acordo com a responsável pelo PSF, Márcia Reis, os resultados já aparecem: houve aumento da cobertura de vacinas, queda da mortalidade infantil, aumento da quantidade de exames de prevenção do colo de útero e acompanhamento mais eficaz do tratamento de diabéticos e hipertensos. “Nas visitas das equipes, aproveitamos para conscientizar as famílias sobre os cuidados com a saúde e alimentação, além de verificar se o uso dos medicamentos está correto”, explica Márcia.

Ações socioeducativas – O PSF também abrange outras áreas. De acordo com Márcia, são realizadas ações contra a evasão escolar através da conscientização dos pais. Outro bom resultado é a geração de trabalho e renda. Em algumas localidades, para prevenir a ocorrência de distúrbios psicológicos em idosos, elevar sua auto-estima e ajudar financeiramente as famílias, o programa realiza oficinas com assistentes sociais, agentes ocupacionais e psicólogos. “Algumas cooperativas de trabalhadores surgiram a partir do nosso trabalho na comunidade”, comemora Márcia. No Morro da Formiga, onde os moradores costumavam jogar lixo nas encostas, foi realizado um trabalho educativo nas escolas e praças. “Há uma área de preservação ambiental que estava sendo degradada com os resíduos jogados pelos moradores. Hoje as pessoas mudaram essa prática”, afirma.

Os endereços dos Postos de Saúde da Família (PSF) e dos Postos do Programa de Agente Comunitário da Saúde (PAC) podem ser encontrados no site www.rio.rj.gov.br (clicando no ícone do lado esquerdo identificado como Saúde da Família). ■

TV e 'web': duelo de titãs

Internet de alta velocidade e 'sites' como o YouTube disputam com a TV as horas livres dos jovens

A poderosa Microsoft e o onipresente Google travam uma guerra de gigantes pelo controle do futuro da internet e da televisão. De ambos os lados da "guerra" surgem declarações ufanistas ou pessimistas, dependendo do gosto do freguês. As duas megacorporações disputam um mercado planetário – o acesso a vídeos/programas on line –, cujo faturamento pode chegar à casa dos bilhões de dólares dentro de poucos anos.

No Fórum Econômico Mundial de Davos, Suíça, em janeiro, o *chairman* da Microsoft, Bill Gates, anunciou que a *web* revolucionará a TV. A companhia já se prepara para o cenário em que o televisor e o microcomputador estarão reunidos no

mesmo equipamento. Essa fusão e a explosão da oferta de vídeo on line criarão, segundo Gates, as condições necessárias à migração em larga escala do público da televisão para o vídeo on line"

Como a TV está se adaptando à transmissão pela internet – e muitas companhias telefônicas estão criando a infra-estrutura para isso –, vamos vivenciar uma nova experiência de convergência. A internet de alta velocidade e a popularidade de *sites* como o YouTube já resultam na queda do número de horas gastas pelos jovens diante da televisão. "A *web* transformará radicalmente a TV", discursou Gates, sob o olhar atento da elite financeira mundial. ▶

TEXTO

EQUIPE PROGRAMA SÉCULO XXI

ILUSTRAÇÃO

FLAVIO CARVALHO E

DAVID MACEDO



A previsão de Bill Gates para a TV representa o desdobramento de uma “profecia” feita por ele em 2004, quando anunciou a transformação do computador pessoal em centro de entretenimento doméstico. Hoje, as pessoas ouvem música, assistem a DVDs, jogam e se divertem através de uma máquina inicialmente criada apenas para o processamento de informações.

Contra-ataque – Poucos dias depois da reunião de Davos, o vice-presidente de Tecnologia de TV do Google, Vicent Dureau, jogou um balde de água fria em quem acreditou na profecia de casamento perfeito entre internet e televisão. Ele alertou para o risco de colapso da rede mundial de computadores. Dureau citou dados do grupo de pesquisa Gartner, segundo os quais 60% do tráfego na internet são gerados por computadores ligados a redes de trocas de arquivos, principalmente máquinas de internautas que compartilham filmes e programas de TV.

O executivo do Google resgatou os primórdios da internet para justificar a inviabilidade técnica do casamento entre *web* e TV. Dureau contrapôs ao otimismo da Microsoft um pessimismo pouco comum na área de tecnologia – e ainda mais surpreendente quando se trata da mais inovadora das companhias pontocom: “Quando a internet foi projetada, ninguém imaginava que ela viesse a incorporar a TV. A infra-estrutura da *web* e até mesmo a do Google não podem ser ampliadas com facilidade. Isso significa que não poderemos oferecer serviços com a qualidade que os clientes esperam.”

Analistas da internet questionam a declaração do executivo do Google. A maior crítica diz respeito ao fato de Dureau não levar em conta as diversas pesquisas em andamento nas áreas de transmissão de dados e de compactação de arquivos, descartando qualquer tipo de avanço tecnológico no curto ou médio prazo. Mas que ninguém pense que o Google não enxerga o óbvio. A empresa quer garantir o retorno financeiro de um megainvestimento: a compra do YouTube por US\$ 1,65 bilhão. O negócio pode virar um fiasco, caso o namoro da *web* com a televisão avance e chegue ao altar.

Microsoft e Google disputam bit a bit a hegemonia financeira no mundo da internet. Ambas as companhias investem pesado em pesquisa e tentam colocar obstáculos no caminho do

concorrente. Quando Gates afirma que o futuro da televisão está na *web* (e vice-versa), quer dizer que a audiência do YouTube migrará para a *webtv*. Vicent Dureau, por sua vez, busca criar incertezas e protelar ao máximo a transformação da “profecia” de Gates em realidade.

O criador e diretor do programa *Olhar digital*, Wharrysson Lacerda, é um dos grandes entusiastas da união entre televisão e internet. Ele acredita que, mesmo com o Google jogando contra, a *web* transformará a forma de assistir a filmes e programas, influenciando inclusive a linguagem televisiva.

O futuro da televisão é casar com a *web*. Muito se fala das mudanças que virão com a TV digital, mas a grande revolução virá mesmo com a internet. Teremos a evolução do *zapping* (uso repetido do controle remoto para trocar de canal). O programa de TV sobre um determinado tema levará o espectador a buscar mais informações na *web* sobre aquele assunto ou até mesmo à compra do próprio programa”, aposta Lacerda.

Disputas comerciais à parte, a convergência de mídias ganhará impulso nos próximos anos. A fabricação de equipamentos eletrônicos multifuncionais e a produção audiovisual passarão por mudanças profundas, estimulando o desenvolvimento de novas linguagens. A linha que separa a internet da TV se tornará cada vez mais tênue. ■

Mídia em pauta

Em meio a tantas incertezas, muitas são as opiniões divergentes sobre o futuro das trajetórias da TV e da internet. Aspectos a considerar não faltam. Quem quiser ler um pouco mais a respeito das “previsões” de quem pensa sobre o assunto, encontra um bom material no *site* do Século XX1 (www.rio.rj.gov.br/seculo21). A CHAVE Internet, juventude e escola traz uma série de artigos, reportagens e sugestões de atividades que tangenciam o tema. No artigo *No futuro, a convergência*, o jornalista Luiz Lobo aborda a relação entre TV, internet e telecomunicações, listando os principais aspectos que, na atualidade, apontam para a convergência entre as mídias. O mesmo assunto é abordado sob diferentes prismas nas reportagens *Conectividade geral*, de Thiago Romero, e *Novo – o futuro é logo ali*, de Ivan Kasahara.

Sinal verde para a democracia

Eleições para diretorias dos grêmios estudantis mobiliza escolas e incentiva a participação coletiva

Na escola se aprende matemática, português, história, geografia... mas também cidadania, direitos e deveres e a importância da mobilização coletiva para a melhoria do país, cidade, bairro ou da própria escola. Nestes quesitos, os grêmios estudantis dão uma aula e tanto. Organizações que possibilitam a representatividade dos alunos nas decisões referentes à comunidade escolar, os grêmios recebem especial atenção da Secretaria Municipal de Educação (SME). Graças às ações de incentivo, o número de grêmios vem crescendo a cada ano, atingindo atualmente a quase-totalidade das escolas municipais: 951 grêmios, para as 1.055 unidades escolares. A escolha das diretorias acontece a cada dois anos e 2007 é ano de eleições. A campanha nas escolas conta com imagem e *slogan* escolhidos através de um concurso aberto a todos os alunos da Rede – mais uma forma de incentivar o envolvimento dos estudantes no processo eleitoral, na formação dos grêmios e no debate para a construção de uma escola de todos.

As eleições nas escolas estão previstas para os dias 2 e 3 de abril. Mas desde o começo de março um extenso cronograma de atividades vem movimentando a comunidade escolar, num convite à participação de alunos, professores, diretores e coordenadores pedagógicos. A primeira das atividades foi justamente o concurso de *slogans* e imagens que ilustram os 3 mil cartazes utilizados na divulgação da eleição. O concurso foi aberto à participação de todos os alunos da Rede, individualmente ou em grupo, sob a orientação de um professor ou coordenador pedagógico.

Os cinco melhores trabalhos, selecionados pelas escolas, pelas CREs e pela Assessoria de Integração, foram enviados ao gabinete da secretária Sônia Mograbi, de onde saíram a imagem e o *slogan* vencedores. Para Paulo Rezende, assessor-chefe técnico da Assessoria de Integração, a realização do concurso atendeu ao objetivo de mobilizar os alunos em torno da eleição. "A participação

nos grêmios estudantis deve ser livre, mas, se não for incentivada, acaba não acontecendo. Por isso estamos sempre realizando trabalhos como seminários e este concurso. Além disso, os conselhos de representantes, por exemplo, são formados por alunos dos grêmios", explica.

Seguindo a mesma estratégia de promover o máximo envolvimento dos alunos com as eleições, o processo conta ainda com a realização de assembléias para a escolha de uma comissão eleitoral em cada escola, reuniões das comissões com representantes das CREs e até campanha eleitoral. Depois de eleita, a diretoria do grêmio toma posse na escola e, mais tarde, na CRE, em uma cerimônia que reúne as diretorias eleitas em todas as unidades escolares do município. A formação das chapas é totalmente livre. Podem participar quantos alunos quiserem, de quaisquer idades, compondo uma diretoria com os cargos determinados por eles próprios.

A chapa eleita coordena o grêmio durante dois anos, participa das reuniões com a diretoria da escola, auxiliando na tomada de decisões e tornando públicos os anseios e reivindicações dos alunos. Além de grande exercício de cidadania, os grêmios contribuem efetivamente para a gestão das escolas, aproximando alunos e diretores e favorecendo a participação ativa da comunidade discente nas escolhas que afetam a escola. "Um dos eixos que a secretária traçou para a gestão democrática das escolas é a representatividade. Os grêmios são um passo importantíssimo para que ela se concretize", ressalta Paulo Rezende. ■

TEXTO

RENATA PETROCELLI

Cronograma

- 02 e 03/04 – eleições
- 04/04 – apuração
- 05/04 – posse nas escolas
- 09/04 – posse nas CREs

Uma sala do tamanho do mundo



Virginia Louzada Launé
Membro da equipe da 3ª
CRE e mestre em Educação
pela Universidade Federal
Fluminense (UFF).

“Posicionamo-nos, portanto, favoravelmente aos ciclos, na forma aqui descrita. Em vez de querermos voltar à seriação, devemos lutar pelo aprofundamento da noção de ciclos e exigir condições adequadas para a sua instalação e seu funcionamento.”

LUIZ CARLOS DE FREITAS

Estamos vivendo um momento muito especial na rede municipal do Rio de Janeiro. Em 2007 todo o ensino fundamental será organizado em ciclos de formação, o que tem gerado angústia e receio em alguns professores. Embora os três primeiros anos de escolaridade estejam ciclados desde 2000, ainda existem muitas perguntas acerca da proposta que pressupõe uma concepção dialética de educação e requer tempo e estudo para ser mais bem compreendida.

A escola ciclada nos oferece mudanças muito significativas em relação à dinâmica pedagógica, ao currículo, à avaliação da aprendizagem e ao espaço-tempo escolar. Também nos sinaliza que o aluno é responsabilidade de todos os atores envolvidos no processo (equipe pedagógica, funcionários, pais e professores) e nos confronta em nosso fazer diário, pois rompe com a reprovação ao final do ano letivo. O hábito de reprovar, ao contrário do que muitos ainda possam imaginar, não tem garantido efetiva aprendizagem. Os ciclos de formação nos inquietam ao mostrar a nossa responsabilidade diante de uma escola que ainda não consegue promover o êxito de todos.

Do meu ponto de vista, os ciclos também nos apontam possibilidades, além dos desafios que suscitam. A maior delas consiste no fato de que todos estão em formação e desenvolvimento. Paulo Freire já nos apontava que a beleza de ser professor está na nossa incompletude. Quando percebo que o que sei não dá conta de ajudar os meus alunos, procuro parcerias no coletivo da escola em que trabalho, leio autores que possam dialogar com as minhas questões e volto à prática com novos questionamentos. Saio do meu isolamento e a minha sala de aula fica do tamanho do mundo. Sou responsável pelo que acontece, mas não sou o único. O trabalho em sala de aula, antes tão solitário, passa a

ser mais solidário. A diversidade, antes tão inutilmente silenciada, se assume como parte integrante da dinâmica pedagógica, uma vez que todos, professores e alunos, possuem saberes e ainda não saberes. E é justamente na troca de informações que reside a maior possibilidade de aprendizagem para todos.

Acredito que precisamos aproveitar melhor os centros de estudo em nossas escolas para discutir a proposta. Muitos professores criticam a escola ciclada, mas a conhecem superficialmente. Tenho a consciência de que mudanças tão significativas assustam, principalmente porque fomos alunos/professores de uma escola que ainda tentamos manter, apesar de sabermos que já não atende aos anseios do mundo em que vivemos. Urge ressignificar as nossas experiências, a nossa prática pedagógica. Não adianta descobrir o que os meus alunos ainda não sabem, se isto não for o pretexto para pensar quais atividades darão conta de ajudá-los a avançar, a aprender.

Precisamos nos posicionar em relação ao projeto de sociedade que queremos construir. Não tenho a ingenuidade de acreditar que a escola possa fazer tudo sozinha, mas também não a isento da sua responsabilidade diante desta sociedade ainda tão perversa e excludente. Educar é um ato político. Diante desta premissa, sonho com uma escola pública que de fato atenda a todos que a frequentam. Não vejo a escola ciclada como uma escola que possa resolver todos os nossos problemas, mas acredito nas possibilidades que nos oferece. Estaremos abertos a tentar fazê-la dar certo? Reivindicaremos as mudanças necessárias para que isto aconteça? Faremos a nossa parte, individual e coletivamente, ou pelo menos nos esforçaremos, mesmo que ainda não consigamos, uma vez que mudar requer tempo e reflexão? Grandes desafios e inúmeras possibilidades... ■

Novidades no 'Rio, a cidade!'

Programa mantém o mesmo formato e traz muita informação sobre os Jogos Pan-americanos



Dinamismo, temáticas atuais e instigantes e interatividade são as palavras de ordem no programa *Rio, a Cidade!*, de volta à programação da MULTIRIO, com exibição ao vivo pela BandRio, de segunda a sexta, sempre às 14h30, e reapresentação no dia seguinte, pelo canal 14 da Net, às 7h30 e às 13h30. No estúdio, a apresentadora Katia Chalita, à frente da produção desde a sua estréia, em 2001, comanda o bate-papo.

A fórmula que mantém o sucesso do *Rio, a Cidade!* permanece a mesma na temporada 2007: dois especialistas que discutem um tema e respondem perguntas do público no estúdio; uma apresentadora que conduz o debate; uma matéria em formato jornalístico que enriquece a conversa. Está feito o tripé que garante ao programa audiência cativa, média de 150 telefonemas de telespectadores por mês, 1.085 programas exibidos e a marca de mais de 2 mil convidados entrevistados.

Tudo sobre o Pan – No ano em que a Prefeitura do Rio realiza na cidade, pela primeira vez, os Jogos Pan-americanos, o assunto não poderia deixar de ganhar destaque. “Produziremos edições especiais para falar tudo sobre o Pan”, garante a jornalista Renata Augusta, alçada, no final do ano passado, ao cargo de editora de jornalismo do programa. O *Rio, a Cidade!* também tem novo diretor: Carlos de Souza, que já atuou nas produções do *Nós da Escola*, *Abrindo o Verbo* e no atendimento a terceiros da MULTIRIO.

O diretor assegura que sua equipe privilegiará, como já é tradição, pautas marcadas pela variedade e ineditismo. “O público pode entender, com isto, que ao longo do ano assistirá a programas sobre esportes e acesso ao mercado de trabalho; homenagens a personalidades e debates sobre fusão de ritmos e outros estilos musicais. Temas ligados à cidadania e à prestação de serviço estarão no ar, e ainda outros, tais como a conscientização da população para a questão do aquecimento global, a prevenção às drogas, o consumo, e as pautas sobre saúde física e mental”, adianta Carlos de Souza.

Outras características que já integram o *Rio, a Cidade!* e seguem no ar são a presença da intérprete de libras no estúdio, garantindo o acesso de portadores de deficiência auditiva às informações ali discutidas, bem como a participação do público por telefone, também muito bem recebida pela equipe e, na medida do possível, aproveitada durante o programa ao vivo.

Ainda este ano o *Rio, a Cidade!* deve abrigar novidades no cenário e nas vinhetas de abertura e fechamento do programa. Sem data prevista, as mudanças incluem a substituição das fotos que decoram o estúdio por outras, de diferentes pontos da cidade. Já as vinhetas de abertura e fechamento terão novidades bem mais sutis. Serão “repaginadas”, como revelou em tom de segredo o diretor Carlos de Souza. ■

TEXTO

ALESSANDRA SAUBERMAN

IMAGEM

REPRODUÇÃO DO PROGRAMA

SAIBA MAIS

Para mais informações sobre o *Rio, a Cidade!* e outras produções da MULTIRIO, acesse a página www.multirio.rj.gov.br.

Relações de ensino em pauta

A produção histórica de signos e sentidos afeta e constitui formas de sentir, pensar, falar e agir

Se fizermos uma brevíssima retrospectiva, podemos perceber como nos últimos 50 anos mudaram drasticamente as condições e os modos de relação entre os homens. Mudaram os instrumentos, as técnicas, as práticas, o conhecimento e os modos de conhecer. A par das profundas modificações nos modos de comunicar, nos modos de viver, de pensar, de aprender, aprofundam-se também as contradições quanto ao acesso ao conhecimento e domínio de instrumentos tecnológicos – se “todos” parecem ser impactados, os impactos afetam as pessoas produzindo efeitos diversificados.

Em meio às aceleradas transformações, idéias e conceitos explicativos vão sendo também forjados. Hoje, por exemplo, a noção de interação social tem sido considerada fundamental na elaboração do conhecimento, mas a dimensão social tem sido concebida de muitas maneiras diferentes. A linguagem e o discurso têm sido vistos como fundamentais nessa elaboração, contudo as concepções de linguagem e o lugar do discurso são distintos nos vários modelos teóricos. Os instrumentos e recursos de mediação têm sido importantes nos processos de desenvolvimento e aprendizagem, mas o estatuto teórico desses instrumentos técnicos e simbólicos não é o mesmo em diferentes abordagens. As relações entre as formas de organização social e o funcionamento mental têm sido enfatizadas por diversos autores em diferentes áreas, mas tem sido difícil concordar com, ou aderir a, um mesmo princípio explicativo. O que se entende por história e por cultura está longe de ser consensual. Conceitos como diver-

sidade, heterogeneidade, pluralidade; e noções como as de sujeito, subjetividade, subjetivação, vão configurando tensões, explicitando debates, mostrando diferenças.

Integrando esse movimento das idéias, o trabalho de Vygotsky vem ganhando força, contribuindo para fundamentar posições. No âmbito da educação formal e não formal, e nos estudos sobre o desenvolvimento humano, muitas de suas elaborações têm sido amplamente divulgadas, lidas, discutidas, assimiladas. Passamos a proclamar que a natureza do desenvolvimento humano e do conhecimento é social. Falamos em sociogênese das funções mentais.

Mas afirmar a sociogênese não esclarece sobre as formas de constituição do funcionamento mental. Como explicar essa constituição individual, pessoal, subjetiva, a partir do *socius*, isto é, do outro, do *alter*, da alteridade?

Em seus esforços de elaboração teórica, Vygotsky propõe a emergência da dimensão semiótica, isto é, a produção de signos, o princípio da significação como chave para se compreender a conversão das relações sociais em funções mentais. Isso traz certas implicações para o que chamamos relações de ensino.

E, de fato, ao tematizarmos as relações de ensino sob uma perspectiva histórico-cultural, encontramos na etimologia das palavras ensinar e significar a mesma raiz – signo –, que traz inscritas as idéias de assinalar, apontar, mostrar, marcar.

Analisando o gesto de apontar, Vygotsky nos mostra a mudança que se realiza na orientação da ação da criança, a mudança nos sentidos da ação, para o outro e para si. O movimento, afetado pela interpretação do outro, converte-se em meio de relação. Nessa conversão emerge e incide o signo. Podemos dizer então que a constituição do gesto de apontar é um modo possível de relação e organização humana, no nível social e individual, a partir das práticas culturais e das condições concretas de vida – materiais, orgânicas, biológicas, sociais, psicológicas, ideológicas. Esse gesto que se torna possível está, por sua vez, inscrito numa história de relações.

O que se coloca em pauta é justamente a natureza social, a emergência e a possibilidade da significação – isto é, da produção histórica de signos e sentidos – como meio/modo de relação que afeta e constitui as formas de sentir, pensar, falar, agir das pessoas em interação.

Há que se compreender dialeticamente essa relação: aquilo que permite ao homem desprender-se da situação imediata só significa num sistema de relações sociais, objetivas. É nesse sentido que dizemos que o conhecimento do mundo “passa” pelo outro.

As contribuições de Wallon, Vygotsky e Bakhtin nos ajudam a compreender a polissemia da palavra sentido que envolve e condensa múltiplas dimensões em tensão dialética, interconstitutiva: sentido relacionado à sensibilidade orgânica, às sensações; sentido relacionado às emoções e sentimentos; sentido relacionado à direção e orientação das

(inter)ações; sentido relacionado à razão, à significação. É na tessitura dessas dimensões que signos se produzem, sempre em “relação a” – outros e algo. Os sentidos emergem como resultantes dessas relações.

Dizendo de um outro modo: a sensibilidade orgânica e as sensações vão se tornando significativas, na medida em que os corpos/sujeitos se afetam e produzem efeitos/afetos uns nos outros; as emoções vão se (trans)formando e os sentimentos vão sendo forjados, relacionados à possibilidade de significação (produção de signos na relação) e constituição do funcionamento mental e do conhecimento pela linguagem (lógica, razão – *logos*); as direções e orientações das (inter)ações significam relacionadas ao movimento, situação e posições dos sujeitos no espaço e no tempo (história).

Se a significação constituiu para Vygotsky um dos principais núcleos de investigação teórica, uma das preocupações que marcou seus trabalhos desde o início dizia respeito aos modos de ensinar, aos modos de estudar as relações de ensino, e aos resultados ou efeitos dessas relações. Essa articulação entre significação e relação de ensino aponta para a necessidade de investigação e de compreensão do desenvolvimento humano nas imbricações da dimensão orgânica, biológica, com a história e a cultura.

É nessa articulação, e mais especificamente, no princípio explicativo que sustenta a possibilidade de compreensão dessa relação que encontramos a fecundidade das idéias de Vygotsky. ■

Artigo condensado do texto original SMOLKA, A.L.B. (2006) “Enseñar y significar: las relaciones de la enseñanza en cuestión. O de las (no)coincidencias en las relaciones de enseñanza.” *Cultura y Educación. Revista de teoría, investigación y práctica*. v. 18 (1), p. 3-14.

TEXTO

ANA LUIZA BUSTAMANTE SMOLKA
/FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
CAMPINAS (UNICAMP)

ARTE

DAVID MACEDO



O poder narrativo da imagem

TEXTO
BETE NOGUEIRA
IMAGENS
REPRODUÇÕES

Retratar, filmar, copiar, fixar, reproduzir, gravar, fotografar, pintar, desenhar... de diversas maneiras podemos criar uma narrativa, seja ela real ou fictícia, sem termos de recorrer às letras. A forma pela qual essas histórias podem ser percebidas varia de acordo com o contexto em que autores e “leitores” se inserem e, ainda, com a bagagem que o interlocutor carrega. Disso depende até a mais famosa das frases sobre o assunto: “Uma imagem vale mais do que mil palavras”. A necessidade que o homem tem de registrar sua existência reflete, mesmo sem percebermos, o que sabemos sobre nós: grande parte da história da humanidade só pôde ser reconstruída graças a fragmentos de imagens e escritas. Cacos que ao serem analisados revelam um passado que ainda tem muito em comum com os nossos dias – como organizações sociais e histórias de paixões – e o que mudou desde então.

Enquanto as Sagradas Escrituras afirmam que no princípio era o Verbo, pode-se dizer que até para escrever o homem teve que recorrer à representação figurativa. O alfabeto que usamos hoje foi desenvolvido a partir de imagens: a representação da letra A, por exemplo, vem do desenho de uma cabeça de boi. “Trabalhamos hoje com a imagem simbólica e narrativa, embora a divisão não seja precisa, na medida em que seja o que for utilizado como representação já é simbólico, e todas as narrativas são simbólicas também”, alerta Luiz Antonio Luzio Coelho, diretor do Departamento de Artes & Design da PUC-Rio.

Quando as imagens contam uma história? Somente imagens em seqüência têm essa capacidade? O que determina se uma imagem é uma narrativa é o seu observador? Desde quando a imagem é importante para quem quer contar ou para quem quer “entrar” em uma história? As questões são quase infundáveis, assim como as possibilidades de resposta. Para o filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C.), todo processo de pensamento requer imagens. “As imagens, assim como as palavras, são a ma-

téria de que somos feitos”, sustenta o escritor argentino Alberto Manguel, em seu livro *Lendo imagens*. Em outros momentos, o autor diz que, ao percorrermos uma galeria de arte, “o que vemos não é nem a pintura em seu estado fixo, nem uma obra de arte aprisionada nas coordenadas estabelecidas pelo museu para nos guiar. O que vemos é a pintura traduzida nos termos da nossa própria experiência”. Será que falta à maioria “olhos de ver” para absorver mais histórias do que estamos acostumados? E qualquer imagem tem poder narrativo? Nem sempre. Segundo Luzio Coelho, alguns fatores determinam a capacidade narrativa de uma imagem: “para a crítica literária, a narrativa acontece quando se tem uma ação (desenvolvimento) e tempo. Há que se ter atores, elementos para desenvolver a ação e um enredo. Ou seja: tempo, personagens, enredo e ponto de vista, porque se alguém narra o faz sob um determinado ponto de vista”.

Desde a pré-história o ser humano se preocupou em registrar eventos para a posteridade. As pinturas rupestres resistiram por 20 mil anos, para no século XXI continuar narrando o cotidiano dos seres de então, com seus rituais, caças e crenças. Nas grutas de Lascaux (França) e de Altamira (Espanha), as pinturas apresentam relações de personagens, indivíduos e animais, uma ação e o tempo em que ele se desenvolveu. Luzio Coelho diz que há uma hipótese de que se for passado um foco de luz sobre certas pinturas rupestres – como uma lanterna ou tocha – seria possível a simulação de movimento.

Obras de arte como a pintura *Guernica*, do espanhol Pablo Picasso (1881-1973), são capazes de narrar acontecimentos. Nela, há elementos de guerra, referências a episódios do período franquista nos cantos do quadro. Ao mesmo tempo, a obra pode ser apreendida como um todo, um símbolo daquele período da Guerra Civil Espanhola (1936-39).

“A imagem narrativa pode tanto ser seqüencial, como nas histórias em quadrinhos, que dividem o tempo pela própria limitação do quadro, como não seqüencial como no discalendário dos maias ou em certas ilustrações da Companhia das Índias, onde há o desenvolvimento de uma história de muitas décadas num mesmo espaço visual”, comenta Coelho. ▶

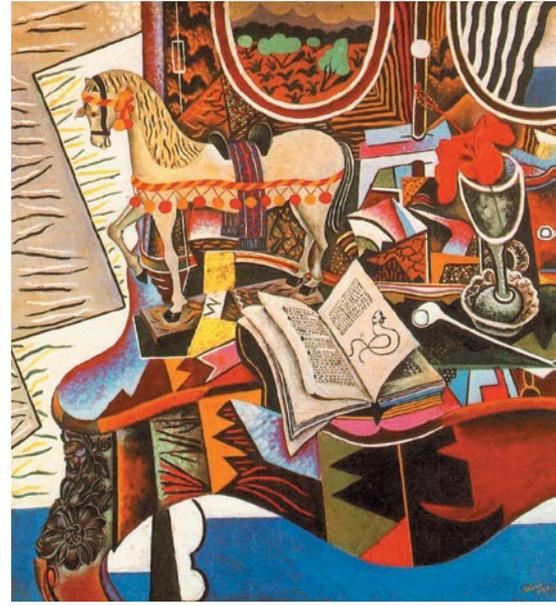


Imagens rupestres em Altamira, Espanha

Emitir uma mensagem, contudo, não significa narrar. As imagens conhecidas como alegorias – muito utilizadas por artistas pré-rafaelitas na Inglaterra¹ e simbolistas na França² – não foram feitas para ser interpretadas de tal forma. Elas são o somatório de elementos visuais e icônicos que, juntos, representam valores ou conceitos como liberdade e república, por exemplo. “Não é narrativa porque é apreendida de imediato, não existe uma projeção no tempo”, esclarece o professor da PUC.

Os pioneiros – Provavelmente na China tenha nascido o modo de contar histórias que ia além de representações como as pinturas das cavernas. Só que o suporte eram tiras de madeira e de bambu, materiais perecíveis que se perderam no tempo. Há mais ou menos cinco mil anos, surgiram os ideogramas chineses, ainda que muito diferentes dos que conhecemos hoje. Ao contrário das letras, os ideogramas comunicam idéias mais amplas.

O auge da caligrafia como arte ocorreu entre 1.500 e 2.000 anos atrás, quando surgiram calígrafos famosos e os caracteres tomaram forma mais bonita, a da tradição clássica. A escrita chinesa foi uniformizada por volta de 200 a.C, pelo imperador Qin Shihuang (o mesmo que mandou construir a Grande Muralha da China). “Foi ele quem introduziu essa beleza, que visa à apreciação”, conta o professor de caligrafia chinesa Hiroyuki Makita, da Sociedade Taoista do Brasil. O ideograma não é letra, por isso po-



demos dizer que é uma narrativa visual. Cada um dos 50 mil caracteres existentes engloba uma idéia completa, o que torna a “leitura” muito mais ágil, sem perder a profundidade do sentido.

Registro da memória – E seria possível desenvolver uma sociedade sem alfabeto? Para o professor Luiz Coelho, sim, mas ela seria diferente, porque cada linguagem privilegia um tipo de sentido. Isso sem estabelecer escala de valores de qual seria a melhor. O ser humano não se comunica somente com a boca, fala com a expressão do rosto, os gestos, e isso faz um sentido muito diferente do que ler um texto. “E temos que pensar: existem narrativas que são feitas para ser faladas, e exigem esse tipo de relação. Outras são para ser lidas silenciosamente. A mesma história pode ser representada por diferentes narrativas. Encontramos tecnologias que existem durante muito tempo, por exemplo, a escrita, e que de repente ganham

Iconoclasmo, o horror às imagens

Em três momentos da história, as imagens foram rejeitadas por questões religiosas ou por serem vistas como uma oposição à palavra/razão. O primeiro ciclo do iconoclasmo teve mais de uma origem: os filósofos gregos, e ainda as antigas culturas judaica (vide a luta de Moisés contra os adoradores do bezerro de ouro) e a islâmica. Para Platão, o artista plástico seria um impostor, pois imita a aparência das coisas sem conhecer a verdade delas.

Gostar ou abominar imagens levou a uma guerra sangrenta no Império Bizantino, entre os séculos VII e IX, quando o imperador Leão III proclamou o iconoclasmo como doutrina oficial. E uma nova investida contra as imagens aconteceu na Idade Moderna, com a Reforma Protestante (século XVI): Calvino e Lutero acusaram o culto às imagens de corromper as Sagradas Escrituras.

Fonte: livro *O quarto iconoclasmo*, de Arlindo Machado.

¹ Grupo artístico fundado em 1848 por Dante Gabriel Rossetti, William Holman Hunt e John Everett Millais, como reação à arte acadêmica inglesa que seguia os moldes dos artistas clássicos do Renascimento.

² Movimento que surgiu na França, na segunda metade do século XIX, como oposição ao realismo. O pintor Gustave Moreau (1826-98) foi um dos principais impulsores da arte simbolista.

um suplemento, facultando sentidos que são importantes para aquela cultura, naquela época, em que se desenvolvem, se transformam. E ela é eventualmente substituída simplesmente porque aquela cultura muda”, alerta.

O alfabeto trouxe primeiro o registro da memória (entre a Grécia homérica e a platônica). Para levar a cultura oral, havia naquela época vários elementos que apoiavam tal reprodução, como a rima, a música, e os rituais públicos. No momento em que se dispõe do alfabeto, a civilização encontra uma maneira bem prática de registrar a memória humana e a cultura, contando isso de uma outra maneira: a linear.

Até a máxima “Uma imagem vale mais que mil palavras” é relativa... “Depende de quem está vendo, da sua experiência de vida, afirma Coelho. Por exemplo, a arte abstrata: o que essa pessoa vai ver em Mondrian, em Kandiskí, se não conhece nem se interessa em conhecer? Que dirá de obras como *Branco sobre branco*³”, questiona.

O que trazemos – De acordo com uma pesquisa feita com crianças na França, nós nascemos com uma gramática interna de imagens. Seria o processo de socialização e de escolarização que nos afastaria da capacidade de produzir e ler imagens de uma maneira automática. Isto é, uma criança que tem um treinamento do alfabeto, provavelmente vai mudar a relação dela com esse tipo de imagem. Por isso, dependerá muito dos mediadores das linguagens – pessoas ou instituições que incentivem a criança – a relação delas com o desenho e a escrita, valorizando ambas: um aprendizado dos códigos de representação pictórica e os de representação simbólica-gráfica da língua.

O artista de ação Ronald Duarte fala de outra preciosidade que todos carregamos: as imagens históricas. São aquelas que vamos guardando na memória, ao longo dos anos, e que, sempre que as “invocamos” ou as “resgatamos”, elas ajudam nossa criatividade. “Um arquivo poderoso para dialogarmos”,

diz Duarte, que acredita no poder delas para neutralizarmos as influências com as quais somos bombardeados todos os dias e não perdermos de vista nossa identidade.

Faca de dois gumes – A tecnologia pode tanto ajudar como atrapalhar o desenvolvimento da “leitura” de imagens. Existe um certo condicionamento da tecnologia para fazer com que este ou aquele sentido sejam privilegiados, como é o caso do alfabeto (como tecnologia de conhecimento), que funcionaria de forma linear: é preciso ler uma palavra atrás da outra e só vai haver sentido final se se ler até a última palavra. É diferente ao se olhar para um quadro e apreender uma mensagem integral. A tecnologia como suporte físico (televisão, computador) traz condicionadores de linguagens que podem jogar a favor ou contra o aprendizado. Vai depender muito de como o sistema é organizado.

Por isso, é importante os educadores estejam atentos. Uma das questões da pedagogia hoje é como fazer com que crianças que estão acostumadas com Messenger, Orkut e *blogs* e toda a parte dinâmica utilizem isso para a vida. O professor tem que ajudá-las a perceber que existem diferentes tipos de textos, com funções e tramas diferenciadas. A especificidade da mídia, uma mistura de tecnologia e sistemas simbólicos, é outra linguagem com diferentes aspectos de fruição. “Acho que temos obrigação de chamar a atenção da criança sobre a importância de cada uma, sem opô-las – pelo ▶

Guernica,
de Pablo Picasso



³A obra *Composição suprematista: branco sobre branco*, do vanguardista russo Kazemir Malevitch (1878-1935), consiste em quadrado branco inclinado sobre fundo também branco. O artista fez outras experiências de branco sobre branco.

contrário, é possível combiná-las. É sabido e notório que os jogos de RPG ajudaram os jovens a fazerem pesquisa de livros, para poderem ‘mestrear’ [assumir o papel de mestre da brincadeira]”, afirma o professor.

Luiz Antonio sugere que os pais procurem apoio e aconselhamento nas escolas sobre a alfabetização. “Porque é muita coisa ao mesmo tempo competindo pela atenção das crianças e jovens, e umas mais sedutoras que outras. Os pais e os educadores têm que estar muito junto deles”, observa.

Imagem versus imagem – O artista de ação Ronald Duarte, editor executivo da revista *Arte e Ensaios*, do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Belas-Artes da UFRJ, acredita que a imagem também pode aprisionar: é a chamada imagem de poder. Esta, segundo ele, deve ser combatida com outras ações que envolvem o sentido da visão: além da imagem histórica, existe a construída, preocupação maior dos artistas de ação, como ele próprio.

O artista de ação é aquele que cria imagens/acontecimentos instantâneos, intervenções em

lugares públicos, uma modalidade relativamente nova de expressão que privilegia a surpresa – uma das “armas” para atingir o interlocutor. A arte de ação não tem um fim específico; são imagens construídas para um momento único: quem viu, viu. O público acaba se identificando e tirando as mais variadas conclusões. “Quero que as pessoas entendam a imagem como potência, de ação, presença, exacerbação desse presente. Porque a mídia é uma morte, com imagens que foram capturadas há muito tempo e reeditadas, enquanto a vida está pulsando”, diz. As imagens que eu construo estão nitidamente ligadas ao imaginário de todos, ao que podemos criar. A criação é um processo em aberto, aguçando a curiosidade, suscitando questionamentos”. Justamente para criar estranhamento, perguntar se você está nesse mundo ou em um outro todo pronto, todo feito, organizado pelo poder da televisão, por exemplo.

A idéia é dispor das mesmas armas e combater o poder. “A imagem pode emburrecer: de tanto ver imagem ruim, a pessoa acaba achando boa”, atesta Duarte, que viaja pelo Brasil coordenando oficinas de interferência urbana, estimulando os alunos a olhar de outra forma para as ruas, fachadas, enfim, o seu meio. Mestre em linguagens visuais, e membro da Universidade Nômade (grupo de professores de várias instituições que viajam pelo país e democratizam o ensino da universidade), ele diz que a sociedade tem que mudar sua relação com a imagem, buscar as imagens históricas que carrega, criar imagens construídas. Ambas, afirma, ajudariam a combater a imagem do poder.

O contrário da construída é a imagem da mídia e da publicidade, que, diz Ronald Duarte, vem pronta, mastigada, facilita a leitura ao máximo e não permite a crítica mais intensa. “Ela serve como instrumento de poder de captura, é espetáculo, para que o público não pense, ache tudo maravilhoso”, critica Duarte, que insiste em oferecer imagens ligadas às questões sociais, “a violência urbana, o mundo em que se vive.” Certa vez, em 2001, fez um trabalho chamado *O que rola vc v* (o ateliê dele fica em Santa Teresa), que consistia em derramar pelas ruas do bairro três caminhões de “sangue” (na verdade, água com corante de maçã-do-amor!), levando o público a reações variadas, de aplausos a xingamentos. ▶



Degas,
O absinto

De um sentido a outro

O *designer* Felipe Taborda conta a sua experiência como criador e curador do projeto A Imagem do Som, que há quase uma década convida artistas de diversas vertentes a transformar a boa música brasileira em experiências visuais

“Há mais de nove anos estou envolvido na concepção e organização do A Imagem do Som. Este projeto foi inspirado nos belíssimos livros *The Beatles illustrated lyrics*, de Alan Aldridge, que meu irmão e eu ganhamos no início dos anos 1970. Nestes livros (são dois volumes), diversos artistas ilustram várias composições dos Beatles. Desde então sonhava em realizar algo assim no Brasil.

Iniciamos, em 1998, o projeto A Imagem do Som, que pretende celebrar os grandes compositores da música brasileira com a interpretação de 80 consagrados artistas visuais em atividade no nosso país.

O primeiro homenageado foi Caetano Veloso. Seleccionamos 80 composições suas, posteriormente aprovadas pelo próprio Caetano, e convidamos 80 artistas visuais, *designers* gráficos, fotógrafos, ilustradores, cineastas, diretores de teatro, artistas plásticos, procurando justamente uma diversidade de estilos para melhor traduzir a força da criatividade brasileira. Cada artista recebeu uma composição, escolhida por sorteio, e criou uma obra original baseada naquela música.

O resultado foi apresentado no Paço Imperial e em um livro. Na exposição, a obra original estava exposta ao lado da letra da música, e junto a isso um *CD player* munido de *headfones* permitia ao visitante ouvir cada uma das 80 canções. A mostra foi um grande sucesso, com a visita de mais de 50 mil pessoas. O livro, por sua vez, reproduz todas as obras e suas respectivas letras, tornando-se uma peça fundamental para a memória cultural de nosso país. Nos anos seguintes lançamos outros volumes da série, com Chico Buarque, Gilberto Gil, Tom Jobim, rock pop brasileiro e Dorival Caymmi, sempre com um livro, exposição e site.

Na última edição, que foi de novembro de 2006 até fevereiro deste ano, a homenageada foi a música popular brasileira, com mais



2 de fevereiro,
Projeto A Imagem do
Som de Dorival Caymi
Artista: Maria do
Carmo Secco

Upa, neguinho,
Projeto A Imagem
do Som da MPB
Artista: Fernando
Pimenta

uma vez 80 composições e 80 artistas participantes. É sensacional perceber que este trabalho, de fato, está levando o público a conhecer e apreciar a nossa arte através da música. O projeto se encerrará em novembro, com a oitava edição da mostra, que será dedicada ao samba.

Nossa pretensão é de que, no final, tenhamos um documento da criação artística brasileira, unindo o melhor de nossa música – reconhecida e celebrada mundialmente – com o melhor de nossas artes visuais nesta virada de século. Esperamos, sinceramente, que estas exposições e edições contribuam para a preservação da nossa memória.”

A liberdade é isso: tem que permitir até mesmo as manifestações negativas, os xingamentos. Nesse episódio, ele conta que algumas pessoas xingavam e diziam que ele tinha que mostrar coisas bonitas, achavam que a sua arte era uma apologia à violência.

Por outro lado, a imagem do poder, segundo o artista, é feita para nos deixar trancados dentro de casa com medo de sair às ruas. “A televisão constrói todo um terror social, que na verdade, se você sai na rua, não vê isso a toda hora. Ela junta tudo, faz um pacote e enfia goela abaixo, sem nos perguntar se queremos ver isso. Não compactuo com a imagem da publicidade, nem do jornalismo direcionado, maquiado”. Para ele, a imagem do poder é feita em cima do que eles sabem das pessoas, seus desejos, suas memórias, com dicas capturadas de pesquisas que as pessoas respondem, seja pessoalmente, pela internet ou telefone, para fins diversos. O artista, ao contrário, teria a intenção de estimular

as pessoas a perceber que estão sendo capturadas e acordem, reagem a isso.

Além das criadas por artistas e/ou que nos remetam ao cotidiano, há outras imagens que podem ser transformadoras. Por exemplo, a de um lugar que não conhecemos. O estranhamento que nos causa pode ser transformador, porque de alguma forma, por ser diferente da nossa realidade, suscita perguntas e estimula a imaginação – sensação comum também quando a gente volta a um lugar, ou a uma casa, depois de muitos anos.

Para o artista, o cinema nacional, em alguns momentos consegue retratar a realidade brasileira sem estereótipos, o que estimula de forma especial os nossos sentidos. Duarte dá dois exemplos: a comédia *A marvada carne*, filmada por André Klotzel em 1985 e o drama *Amarelo manga*, de Cláudio Assis (2003). “São obras-de-arte que falam de um recorte da cultura nacional local estabelecida, trazendo uma vivência para o público”.

Da arte de despertar imagens

NÁDIA REBOUÇAS*

Estamos emergindo de um mundo que ignorava completamente como o nosso cérebro funciona. Sabemos muito mais sobre isso hoje, apesar de ainda não sabermos tudo. Sem a ação do nosso cérebro direito, não perceberíamos as emoções, não conseguiríamos fazer a leitura visual dos afetos quando olhássemos um rosto, por exemplo. Seríamos incapazes de decifrar um olhar, ficaríamos, assim, meio atônitos, sem perceber o sentido das imagens.

O cérebro esquerdo é racional, gosta de tabelas, mapas, limita-se ao que é falado. Já o direito é capaz de ouvir uma pessoa dizer “Tudo bem” e perceber pela expressão do rosto dela que nada vai realmente bem. Imagine o que seria de nós se não soubéssemos “ler” os sentimentos.

Vivemos o mundo das imagens e há muito falamos que uma imagem pode valer mais do que mil palavras. A imagem fica, nos marca. O que não quer dizer que uma poesia não possa ser memorizada, mas para isso acontecer é preciso que o nosso cérebro direito entre em ação e sinta, crie imagens e sensações em nós.

A escola compete com um mundo farto de imagens que as mídias multiplicam em nossas mentes. Ao assistir a um telejornal, por exemplo, temos uma profusão de cenas de guerra, explosões, sangue e violência. Isso é chocante para

o nosso cérebro como um todo, mas mais especialmente para o sensível lado direito dele, que valoriza o estético e tem uma necessidade enorme de sonhar e imaginar. Por isso, acredito que se incluímos esse lado direito nas nossas preocupações poderemos abrir uma bela porta para a educomunicação.

Nas escolas faltam recursos. Um professor muitas vezes tem à sua disposição apenas um quadro negro e giz para falar a alunos cujas mentes ainda estão voando em imagens de programas de TV e de comerciais, quase sempre de qualidade duvidosa.

A imagem tem tanta importância que logomarcas acabam permanecendo na cabeça de nossas crianças, que acreditam que elas são desenhos valiosos, quase sempre sem saber explicar por quê. As logomarcas estão ligadas a imagens que emocionam ou fazem sonhar essas crianças ou adolescentes.

Como a imagem pode ajudar a educar? Com o simples recorte de uma foto de revista é possível trabalhar a empatia com o nosso público e ensinar as competências desejadas de uma matéria. Mas às vezes não temos idéia de como fazer, de que forma fazer diferente.

Ontem, pensando neste texto que tinha para escrever, me vi de repente paralisada por uma imagem no meio da

Arma secreta – “Há uma necessidade de resgate da memória para a gente se defender da imagem do poder. O ideal seria que a imagem histórica dialogasse com a do cotidiano”, diz o artista, completando que, usando as imagens de nosso arquivo pessoal, potencializamos nossa criatividade e ainda ganhamos mais identidade: é preciso viver a vida real para não perder o senso crítico.

A imagem, ao longo dos anos, foi se transformando, desde a idade da pedra, chegando ao requinte na arte pictórica e dali para a fotografia. Depois, a arte fugiu da tangência da realidade e foi tratar das questões da própria arte: claro, escuro, texturas. Em 1825, o francês Joseph Nicéphore Niépce inventou a fotografia. Ainda no século XIX, os irmãos Lumière inventaram o cinema. Décadas depois, chegou a vez da televisão. Na pós-modernidade, chegou-se à simulação: o virtual é um simulacro da realidade. A ação urbana é

ultra-real, porém efêmera, e não tem intenção de guardar resíduo.

Diversas são as formas de narrativa visual: fotografia, filme, desenho, quadrinhos, pintura. O que eles têm em comum é que, de uma forma ou de outra, tentam capturar, reproduzir o real. Mas a imagem, hoje, perdeu um pouco de sua credibilidade por causa da revolução digital. “Na era virtual, não se sabe mais se está retratando o real. Por isso, a ação real está voltando”, conclui Duarte. O filósofo francês Jean Baudrillard, morto recentemente, apregoava que as mídias atuais produzem uma “desrealização fatal” do nosso mundo, sendo substituído por uma realidade alucinatória e alienante, a hiper-realidade – ainda que uma corrente de pensadores latino-americanos, como o mexicano Néstor García Canclini não vejam de forma tão catastrófica os novos tempos. Que cada um aguace a visão e tire suas próprias conclusões. ■

SAIBA MAIS

LIVROS

- *Lendo imagens*, de Alberto Manguel – Ed. Companhia das Letras
- *Sociedade do espetáculo*, de Guy Debord – Ed. Contraponto
- *O quarto iconoclasmo e outros ensaios hereges*, de Arlindo Machado – Ed. Rios Ambiciosos
- *Simulacros e simulação*, de Jean Baudrillard – Ed. Relógio D'água

FILMES

- *O show de Truman*, de Peter Weir
- *Matrix*, de Andy e Larry Wachowski
- *Sonhos*, de Akira Kurosawa

SITE

- www.aimagemdosom.com.br

rua. Claro que ali, na hora do *rush*, muitas e muitas pessoas estavam tendo a oportunidade de observar a cena, mas como não treinamos o nosso cérebro direito... não a enxergamos.

Achei que se tivesse uma câmara fotográfica eu teria registrado aquela imagem e poderia compartilhar com todos os que lêem este artigo. Mas em vez de reclamar por não ter a foto, posso aproveitar este espaço para compartilhar com vocês uma experiência de uso da nossa capacidade de imaginação. Quando fazemos isso, treinamos as habilidades de nosso cérebro direito e podemos também fazer todos os dias com os nossos alunos.

Imaginem um menino, desses típicos meninos perdidos pelas ruas, por complexas razões, mas todas elas de alguma forma ligadas à palavra abandono. Imaginaram? Está sem sapatos, pés sujos no chão. Os cabelos raspados, denotando passagem por algum abrigo... *short* surrado e camiseta maior do que ele.

Agora imaginem um gato, um gatinho preto e branco, ainda bem pequeno, o rabo para o alto, encantado com os carinhos que recebe do menino. O menino do abandono acaricia e encosta a cabeça na cabeça do gatinho do abandono. Num instante mágico eles se sentem protegidos e amados.

O sinal abriu e aí me dei conta do quanto essa imagem reunia de oportunidade para reflexões. Quanta poesia, quantos desenhos, redações, estudos sociais, problemas de matemática essa imagem poderia motivar em sala de aula.

As histórias conquistam a audiência, falam com o cérebro como um todo... Poderia imaginar o que aconteceu depois com o menino e com o gato. E minhas emoções estariam sendo vividas. Poderia até tentar desenhar a cena, ou o gato de cabeça para baixo, como se aprende no ensino do desenho com o lado direito do cérebro.

Não precisamos procurar imagens, o nosso cérebro tem uma capacidade infinita de produzi-las. Basta saber despertá-las, ensinar a ficar em silêncio e entrar em contato com a visão.

Uma visão pode mudar a nossa vida. Pode mudar a vida de nossas crianças. Tentar vencer a nossa tensão e desânimo pode nos levar a fazer contato sensível com os nossos alunos. Imaginação é imagem em ação. Podemos, sim, enfrentar as imagens das mídias, mas precisamos aprender a ter visão e a usar nosso cérebro por inteiro. Experimente e depois me conte.

*Publicitária.

Escolhas nem sempre fáceis

É preciso ter cuidado na hora de comprar brinquedos: eles podem ser prejudiciais às crianças

No final de 2006 a fabricante de brinquedos Mattel recolheu de lojas no mundo todo, modelos da boneca Polly Pocket e promoveu um *recall* do produto, depois de relatados 170 casos de ímãs que se soltavam da roupa da boneca nos Estados Unidos. Em três dos relatos, esses ímãs haviam sido ingeridos por crianças e causado lesões graves em seus intestinos, obrigando-as a passar por cirurgia para retirá-los. O episódio mostra que comprar brinquedos pode parecer coisa simples, mas exige cuidado por parte dos adultos. É preciso, entre outras coisas, estar atento às indicações contidas no rótulo do produto, com informações sobre qualidade, segurança e faixa etária adequada – aspectos indispensáveis para assegurar o bom uso do brinquedo.

No Brasil, para um brinquedo chegar às lojas, existem algumas exigências que precisam ser observadas por fabricantes, comerciantes e importadores. Elas estão estabelecidas pela Portaria Nº 108/2005 do Inmetro (Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial), que contém o Regulamento Técnico Mercosul sobre segurança em brinquedos. A portaria adequou a legislação brasileira à norma Mercosul NM300 – partes 1 a 6, adotada nos países do bloco. A norma do Mercosul, por sua vez, é baseada na ISO 8.124 – partes 1,2,3, que trata de segurança de brinquedos.

Com base nesses preceitos, o brinquedo precisa ser apropriado à faixa etária à qual se destina. Existem sete faixas com recomendações próprias para cada uma. Para a que vai de 0 a 18 meses, o brinquedo não pode ter cordas longas. Para a faixa de 18 a 36 meses, o brinquedo não pode ter peças pequenas. Para crianças até quatro anos, não pode ter bordas cortantes. Já para os brinquedos que se situam na faixa que vai até os oito anos de idade as montagens mecânicas estão proibidas. Até 10 anos de idade,

estão vedados brinquedos com substâncias químicas, como tintas e solventes, e na faixa até 12 anos é proibido o uso de brinquedos de laboratórios químicos e de revelação de fotografias. Para crianças acima de 12 anos não existem restrições.

Riscos e restrições – “As duas primeiras faixas etárias são as mais críticas, porque a criança não tem noção instintiva do perigo. Ela põe tudo na boca. Existe um grande risco de aspirar ou ingerir peças pequenas de brinquedos. Na primeira faixa, ainda há a preocupação de a criança se estrangular com cordões, tiras, laços, fitas ou qualquer outra coisa que ela possa enrolar no pescoço. Por isso, esses itens não podem passar de 22 centímetros de comprimento. A grande maioria das restrições é relativa a crianças de até três anos de idade”, explica Mariano Bacellar, diretor técnico do Instituto Brasileiro de Qualificação e Certificação (IQB), entidade autorizada pelo Inmetro a certificar brinquedos produzidos pela indústria brasileira.

Com as crianças de até seis anos há ainda a preocupação de intoxicação por metais pesados como chumbo, cromo e cádmio, encontrados em tintas e em plásticos coloridos. Daí a proibição desses itens. Os institutos certificadores recorrem a análises químicas para verificar a ausência desses elementos.

Outro item analisado pelos certificadores é o nível de ruído emitido pelo brinquedo, que pode ser prejudicial ao aparelho auditivo da criança. Os limites aceitáveis variam de acordo com a forma pela qual a criança o utiliza: perto do ouvido ou à distância, como um carrinho. Além disso, é medida a capacidade de propagação das chamas no caso de o brinquedo ser inflamável. A norma limita a velocidade de propagação do fogo para que a criança tenha tempo para fugir das chamas.

Bacellar esclarece que o Inmetro não certifica os brinquedos. Seu papel é criar ►

TEXTO

FABIO ARANHA

FOTOS

ANTONIO JACOB FILHO

Zoom O que influi na hora de comprar brinquedos para as crianças?

Apesar de muitas vezes parecer coisa corriqueira, escolher um brinquedo para presentear ou entreter uma criança é tarefa de grande responsabilidade. Certos cuidados precisam ser tomados na hora da compra. NÓS DA ESCOLA foi às ruas para conhecer os critérios utilizados pelos adultos nessa hora.



Carlos Eduardo de Souza • psicólogo

– Primeiramente, presto atenção nas questões de segurança, já que existem brinquedos que não passam por um controle de qualidade. Geralmente, procuro o selo de qualidade do Inmetro e vejo se o produto está adequado à idade da criança. Não é bom deixar crianças muito novas com brinquedos que tenham peças pequenas. Há ainda a questão educativa. Eu prefiro brinquedos que estimulem a criatividade da criança e, é claro, seu lado lúdico. É importante que ela seja estimulada a desenvolver sua inteligência.



Thaís Moura • arquiteta

– Quando eu compro presentes para crianças, olho a idade recomendada, se o brinquedo é tóxico ou se tem alguma parte que machuca, como pontas ou objetos cortantes. Vejo também se tem alguma recomendação ou indicação de segurança. Procuro sempre pelos selos de qualidade e pela garantia também. Prefiro comprar brinquedos em lojas em que os vendedores sabem dar informações e que podem tirar minhas dúvidas. O vendedor precisa saber o que está vendendo. Prefiro comprar brinquedos interativos, que sejam adequados para a idade e façam a criança pensar.

Balbina Cardoso • aposentada

– Eu tenho três netas e o critério principal que uso para comprar um brinquedo para elas é a segurança. Vejo se o brinquedo não tem peças muito miúdas e se contém tintas às quais a criança possa ser alérgica. Presto bastante atenção ao rótulo. Procuro a data de validade, quem é o fabricante e dou preferência sempre à indústria nacional. A crianças maiores ou meninos, eu jamais daria armas, porque acho que isso contribui para a violência, é um mau exemplo. É preciso ensinar desde pequeno. Procuro prestar atenção também à faixa etária e dou preferência a brinquedos educativos.



Eloiza Helena Abreu • babá

– Eu só compro brinquedos adequados à idade da criança. Minha neta gosta muito de brincar no computador, ela mexe muito com isso na escola. Acho importante que o brinquedo seja educativo. Eu sei que os brinquedos recebem certificados de qualidade e segurança, mas eu não presto muita atenção a isso. Preciso ser mais atenta, porque é importante.

Juvenal Araújo • técnico industrial e professor

– Procuro comprar brinquedos próprios para a idade dos meus filhos e olho para ver se eles têm o selo do Inmetro. Mesmo tendo o selo, é preciso verificar se ele é autêntico. A dificuldade é que não há muita divulgação sobre esse selo, por isso, quando o vemos em um produto, fica difícil saber se ele é autêntico ou não. Tenho cuidado também para ver se não tem pontas ou partes que possam se soltar. Eu gosto de dar brinquedos educacionais, mas nem sempre é possível porque tenho que levar em conta a escolha deles. A propaganda é muito forte e às vezes isso escapa do nosso controle. Eu tento equilibrar o gosto deles com a qualidade educacional do brinquedo.



normas e autorizar organismos de certificação de produtos (OCPs). O Inmetro firma um contrato com os OCPs e os ensaios são feitos em laboratórios credenciados pelo instituto. Existem vários laboratórios no país que atendem os OCPs.

“Para o consumidor, o importante é o selo que informa que o produto está em conformidade com a norma. O selo tem o logotipo do Inmetro, do OCP que cuidou daquele caso e dentro dele está escrita a palavra ‘segurança’. Também é mencionada a norma NM300. Além disso, quando o produto apresenta risco a determinada faixa etária, essa informação também vem no rótulo. Há um símbolo gráfico semelhante a um sinal de trânsito: um círculo vermelho cortado ao meio na diagonal com o rosto de uma criança no seu interior e algarismos indicando a faixa etária”, explica o diretor técnico do IQB.

Ele acrescenta que é muito importante que os responsáveis obedeam as indicações marcadas no rótulo. “Muitos pais acham que seus filhos têm inteligência acima da média e que por isso as restrições não se aplicam a eles. Mas não é uma questão ligada ao Q.I. e sim às etapas do desenvolvimento de qualquer criança. Normalmente, os pais só procuram o selo do Inmetro, mas não prestam atenção às especificidades do rótulo”, diagnostica Bacellar.

Mas o que acontece em um episódio como o da boneca Polly, em que deficiências de segurança do brinquedo podem causar acidentes? Nesse caso específico, o próprio fabricante recolheu as bonecas do mercado, uma vez constatado o problema. Com base nisso, o Inmetro também proibiu a sua venda. “Os brinquedos mudam toda hora. A boneca Polly existe há 20 anos em todo o mundo, mas os modelos que contêm imãs na roupa foram lançados somente em 2005. Não há referência a propriedades magnéticas em nenhuma norma do mundo e, portanto, não existia a infração. Será necessário atualizar a portaria para evitar que problemas como esse aconteçam de novo”, frisa o diretor técnico do instituto.

Brincadeira supervisionada – Bacellar acrescenta que, para um brinquedo ser certificado, a norma exige ensaios contra

possíveis reações das crianças, como jogar o objeto no chão, bater, morder, pisar. Mas como a curiosidade infantil é imprevisível, é importante que o ato de brincar seja sempre supervisionado por um adulto.

A opinião é compartilhada pela educadora Cyrse Andrade, assessora da Fundação Abrinq na criação de brinquedos. Ela afirma que a melhor forma de prevenir acidentes é estar atento à criança. Ela cita, por exemplo, o fato de a criança pequena não distinguir entre brinquedos e outros objetos. “O que dá a função de brinquedo a um objeto é o uso que a criança faz dele. Por isso é importante conhecer a criança, porque um adulto que conhece o filho tem mais chances de escolher o brinquedo adequado para ele”, ressalta. Além disso, a educadora reitera a importância dos cuidados relativos à segurança, como estar atento ao desconforto causado por brinquedos que emitem ruídos exageradamente fortes e o risco de um brinquedo, inteiro ou quebrado, machucar.

Crianças menores também exigem atenção especial porque podem ingerir ou levar às narinas e ouvidos peças ou partes do brinquedo. Elas podem se asfixiar com sacos plásticos ou se intoxicar com determinadas tintas, especialmente os bebês. Podem se enroscar em cordões muito longos ou se machucar com fios muito finos. É importante ainda fazer a manutenção regular de brinquedos ao ar livre, como escorregadores, gangorras e trepa-trepas, e estar por perto quando a criança usa brinquedos que utilizam água, mecanismos elétricos, ou possam pegar fogo.

Segundo a educadora, existem ações preventivas de manutenção de brinquedos, como o reforço ou substituição das embalagens originais quando estiverem desgastadas, a fotocópia de regras de jogos, a plastificação de cartas, o acondicionamento de pequenas peças em saquinhos, a escrita do conteúdo da caixa na tampa do jogo e a criação de uma caixa para guardar peças avulsas. Ela afirma ainda que é importante ajudar a criança a escolher um brinquedo. “Há sites de orientação que podem ajudar. Temos mais fontes de informação do que tínhamos há alguns anos”, ressalta Cyrse. Ela indica o site www.abrinquedoteca.com.br, mantido pela Abrinq. ■

Um olhar sobre a timidez

Atividades lúdicas e artísticas na escola ajudam alunos inibidos a se expressar melhor coletivamente

Rosto ruborizado, mãos suando frio, gagueira momentânea e olhar cabisbaixo. Dificuldade de expressão, desconforto quando há muita gente ao redor e inibição nas relações interpessoais. Pessoas com essas características são classificadas como tímidas e tudo isso só acontece porque há uma preocupação dessas pessoas com o que as outras vão pensar a seu respeito. Ser tímido não é problema de saúde, mas um traço de personalidade. Só que às vezes a timidez atrapalha e aí é preciso ponderar se vale a pena vencê-la. Na verdade, é possível ser

tímido sem abalar a auto-estima e as relações pessoais. Geralmente a criança costuma sentir as conseqüências desse modo de ser ao entrar para a escola, uma das primeiras experiências de convívio social sem a presença da família.

A coordenadora do Setor de Saúde Mental do Núcleo de Adolescentes do Hospital Universitário Pedro Ernesto (Nesa/Hupe), Selma Correia, estabelece uma diferença entre inibição e timidez. Inibição, segundo ela, é um conceito da psicanálise, que se caracteriza pela diminuição de uma função física como, por ▶

TEXTO

CAROLINA BESSA

ILUSTRAÇÕES

ESCULTURAS DE

GUSTAVO CADAR,

ADRIANA SIMEONE E

ALESSANDRA OLIVEIRA, E

FOTOGRAFIAS DE

ALBERTO JACOB FILHO



exemplo, a alimentação ou a locomoção. Tem uma causa psicológica mas se manifesta fisicamente: “Uma criança ou jovem pode não querer se alimentar, se relacionar com os outros ou até mesmo se comunicar por conta da inibição. Todo deprimido, por exemplo, é um inibido”, ressalta a psicóloga. Em outras palavras, “é a condição mental em que ocorre uma limitação (em volume e expansão) do desempenho, em que é difícil iniciar determinada ação ou dar-lhe prosseguimento, e que tem na hesitação um componente característico,” segundo a definição do *Dicionário Houaiss*.

Já a timidez é uma característica de personalidade, uma forma de se mostrar ao mundo. Um tímido não exprime (ou mal exprime) pensamentos e sentimentos, além de ter dificuldades de interagir ativamente. Selma adverte que timidez não é patologia e funciona como mecanismo de defesa, que se caracteriza por cautela quando alguém enfrenta uma situação adversa. Esse tipo de comportamento pode se manifestar desde a infância ou somente na adolescência, fase em que o indivíduo está cheio de dúvidas e buscando identidade. Timidez virou até título de uma canção interpretada pelo grupo de *rock* Biquíni Cavadão. Sucesso dos anos 1980, a composição fala da dificuldade de um jovem em expressar seus sentimentos para uma moça por quem demonstra interesse, nos versos: “Falo pouco pois não sou de dar indiretas/Me arrependo do que digo em frases incertas/Sem eu tento ser direto, o medo me ataca/Sem poder nada fazer/Sei que tento me vencer e acabar com a mudez/Quando eu chego perto, tudo esqueço/E não tenho vez/Me consolo, foi errado o momento, talvez/ Mas na verdade, nada esconde essa minha timidez”.

O que determina esse traço de personalidade tem as mais variadas explicações. Para a psicóloga e pesquisadora do Ambulatório de Ansiedade do Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), Mariângela Gentil Savóia, pode ser uma herança genética ou mesmo o reflexo do comportamento dos pais, que servem como modelo para os filhos. “Quando a mãe, o pai ou os dois são tímidos, o filho pode copiar essa maneira de ser. Famílias que recebem poucas pessoas em casa podem influenciar

o comportamento da criança. Quando está rodeada de familiares e amigos, é mais difícil essa criança ser tímida”, explica Mariângela.

Questões familiares – O comportamento introvertido na criança pode ser também consequência da ação de pais muito críticos, que despertam nela o medo de cometer falhas, de não corresponder às expectativas deles. Isso também acontece quando os pais não impõem limites, e o filho não sabe como agir, sem um parâmetro de conduta definido.

“A criança com inibição certamente tem questões familiares a serem investigadas. Pode ser falta de atenção dos pais. Educação é insistência, e os pais não querem se preocupar. Estão desistindo dos filhos, principalmente na adolescência”, alerta a psicóloga do Nesa/Hupe.

Mariângela Savóia identifica maneiras diferentes de os pais lidarem com a timidez dos filhos. Há, segundo ela, uma condescendência maior com as meninas do que com os meninos. Como das primeiras é esperado um comportamento recatado, nelas a timidez não é vista como problema. Já os meninos costumam ser constantemente cobrados pelos pais por mais iniciativa.

No contato social, o retraimento pode aumentar quando as crianças não se sentem aceitas em um grupo ou são alvo de piadas e humilhações de irmãos, primos ou coleguinhas. Os pais também podem ajudá-las a superar dificuldades de expressão e de reação às críticas. É necessário refletir sobre o que o filho tímido sente e como anda a sua auto-avaliação. “A mãe pode argumentar: ‘Por que você está triste, por que seu colega chamou você de feio? Você se acha mesmo feio, se sente assim?’ e por aí vai”, explica Mariângela.

Nos Estados Unidos, o psicólogo do Shyness Research Institute da Universidade de Indiana Bernardo J. Carducci pesquisou as causas da timidez em um universo de 240 pessoas tímidas. Do total de entrevistados, 64% consideraram sua maneira de ser o resultado de fatores externos, fora de seu controle, como episódios familiares na infância, pais superprotetores ou terem sido vítimas de chacotas de colegas; 24% atribuíram a timidez a fatores internos sob seu controle,

como dificuldades intrapessoais (baixa auto-estima e autocrítica elevada), além de dificuldades interpessoais (problemas de socialização e de relacionamento amoroso). Entre os entrevistados, 62% haviam manifestado timidez diariamente e 82% a classificaram como indesejável.

A timidez pode ser situacional, como a que traduz o medo de falar em público em ocasiões específicas, ou crônica, uma introspecção que se manifesta em todas as formas de convívio social. Entretanto, é possível um tímido viver normalmente, sem apresentar uma auto-avaliação negativa. O pesquisador Philip Zimbardo, da Universidade de Stanford, nos EUA, identificou um tipo de tímido que não teme relacionamento com outras pessoas ou tem medo de falar em público, apenas gosta de ficar só, o corriqueiramente chamado de introvertido.

Dependendo de como o tímido encara a sua timidez ele pode desenvolver ansiedade social, que se caracteriza pela dificuldade de lidar com os outros. A pesquisadora do Ambulatório de Ansiedade do Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP lembra que é muito comum uma criança desenvolver ainda a ansiedade da separação, que se caracteriza pelo medo de ir à escola e de se separar da mãe. Entretanto, ela reconhece que essa fobia parte muito mais da mãe em relação ao filho do que ao contrário, mas de qualquer forma isso influi no comportamento do aluno.

Inibição na escola – É importante os professores investigarem se a inibição da criança está estreitando seus laços sociais. Se ela fica sempre em um canto, não interage com os colegas ou com o professor, e ainda tem dificuldades no aprendizado, é melhor acompanhá-la com mais atenção. Em alguns casos, ela mal consegue expor oralmente um trabalho aos colegas ou tem dificuldade de escrever no quadro-negro. Por ser tímida, são muitas as chances de errar em um exercício mostrado à turma ou mesmo de não conseguir expor idéias em uma seqüência lógica. Sua dificuldade de se expressar pode ainda ser maior por conta dos risos e deboches dos colegas.

Segundo a psicóloga Selma Correia, é papel do educador chamar o aluno a ▶



SAIBA MAIS

- Carducci, Bernardo. "Shyness: the new solution. 2.000" (<http://www.dushkin.com/text-data/articles/26974/body.pdf>)
- "Enciclopédia of Mental Health - Shyness" (<http://www.shyness.com/enciclopedia.htm>)
- NÓS DA ESCOLA n. 44 publica uma matéria sobre alcoolismo na página 34.

participar das atividades, integrá-lo, mas sem acentuar que ele é tímido. Basta dizer que todos sentem a falta dele, que querem a sua presença, e com isso acolhê-lo. Para a pesquisadora do Ambulatório de Ansiedade da USP, uma maneira de integrar melhor os tímidos em uma turma é desenvolver atividades lúdicas e artísticas, como brincadeiras, jogos coletivos, corais ou apresentações teatrais. "A gente sugere aos professores e também aos pais que não critiquem a maneira de ser da criança ou do adolescente, mas o que um ou o outro faz. Em vez de rotulá-los, por exemplo, de porcos devem manifestar insatisfação porque não quererem tomar banho ou escovar os dentes. Devem chamar atenção deles por terem errado a lição, em vez de chamá-los de burros", afirma Ângela.

Ao contrário do que muita gente imagina, os tímidos não gostam de ser tímidos. Segundo o pesquisador norte-americano Bernardo Carducci, 91% dos tímidos pesquisados por ele haviam se esforçado para superar a timidez. A principal técnica utilizada por eles foi a de forçar a extroversão – pelo menos dois terços deles utilizaram essa estratégia. Sessenta por cento dos tímidos pesquisados relataram que se obrigam a ir a festas, bares, boates, ou seja, lugares em que há grande quantidade de pessoas próximas. A segunda estratégia adotada foi a auto-indução de uma mudança cognitiva: 22% deles tentam dizer a si mesmos que não são tímidos; 15% lêem livros de auto-ajuda e participam de seminários que tratam do tema.

Há ainda uma outra atitude adotada pelos tímidos, conhecida como "extroversão eletrônica", segundo a pesquisa de Carducci, em que a internet é um grande facilitador das relações interpessoais. Isso porque a rede possibilita menos esforço na comunicação do que a interação face a face. Entretanto, o meio pode aumentar a frustração e causar dificuldades nas situações da vida real, onde o indivíduo é chamado a se expressar diante de um grupo, na escola ou mesmo para iniciar um relacionamento amoroso fora do ambiente das salas virtuais de bate-papo.

O caso mais grave é a chamada "extroversão líquida", em que o indivíduo ingere drogas ou álcool para se livrar da timidez, ficar mais relaxado, desinibido. Essa é a saída adotada por 12% dos tímidos, conforme a pesquisa do especialista norte-americano. Segundo a psicóloga Mariângela Savóia, esse tipo de atitude acontece com mais frequência a partir da adolescência. Muitos acabam exagerando no consumo de álcool, principalmente, para conseguirem se expressar. Já em relação à droga, o tímido geralmente passa a usá-la como meio de ser aceito por um determinado grupo. Se tem muitos amigos que fazem uso delas, tem dificuldades de dizer não. A pesquisadora do Ambulatório de Ansiedade ressalta que pais e professores podem ajudar o jovem que costuma abusar dessas substâncias primeiramente com uma conversa. "Quando a relação entre pais e filhos é saudável e aberta, essas questões são diluídas. ■

Números da pesquisa

Tipos de indivíduos que inibem os tímidos

- Estranhos: 75%
- Pessoas do sexo oposto em grupo: 71%
- Pessoas do sexo oposto individualmente: 65%
- Pessoas do mesmo sexo em grupo: 56%
- Parentes fora do núcleo familiar: 45%
- Pessoas do mesmo sexo individualmente: 38%
- Pais: 22%
- Irmãos: 20%

Mudanças em relação ao comportamento

- Pessoas que acreditam que sua timidez pode ser superada: 46%
- Pessoas que acreditam que sua timidez não pode ser superada: 7,2%
- Pessoas que pretendem trabalhar seriamente para superar sua timidez: 85%

Fonte: dados da pesquisa de Bernardo Carducci sobre timidez.

Arte a serviço da geometria

Uma é licenciada em educação artística e investe na reciclagem de materiais. A outra é formada em matemática e especializada em desenho geométrico. No início do ano passado, Luciana de Lima e Rosimeri Correa França reuniram suas habilidades e interesses e desenvolveram na Escola Municipal Levy Miranda, Pavuna, o projeto Etnomatemática – Abrangência nos Ensinos de Artes e Matemática. A proposta, resultado de muita conversa nos intervalos de aula e de disposição para o trabalho em equipe, integrou os conteúdos das duas disciplinas e promoveu o diálogo entre alunos de turmas do segundo e terceiro ciclo de formação.

Luciana e Rosimeri trabalham juntas há 10 anos. No início de 2006, no entanto, as muitas conversas de corredor começaram a render frutos. As duas perceberam que tinham uma preocupação em comum: a de preservar o espaço físico da escola, zelando pela limpeza e conservação. Elas então arregaçaram as mangas e deram *tratos à bola* para criar uma proposta que tivesse a ver com os conteúdos de suas disciplinas, trabalhasse questões ambientais e, como não poderia deixar de ser, estivesse em sintonia com o projeto político-pedagógico (PPP) da escola, cujo tema é Cidadania Através da Levy.

Muitas conversas aconteceram pessoalmente e por *e-mail* até que elas conseguissem formatar um projeto que reunisse conceitos de geometria, artes e educação ambiental. O primeiro passo foi pensar em um tema a partir do qual fosse possível trabalhar todas essas áreas do conhecimento. A cultura indígena, com todos os seus grafismos e respeito à natureza, foi o tema escolhido. Daí em diante, os alunos iniciaram uma extensa pesquisa sobre hábitos e costumes dos nossos povos indígenas. “Podemos dizer que simbolicamente o índio representa o ‘homem-ecológico’, aquele que respeita o espaço onde vive. Daí nossa opção pelo tema”, explica Luciana.

A questão ambiental claramente pôde ser desenvolvida a partir deste tema, mas também o respeito às diferentes culturas, idéia pre-

sente no PPP da escola.

“Nosso projeto trata de cidadania, mas fala muito da inserção social dos alunos, da idéia de valorizar seu espaço e o do outro, sua cultura e a do outro, do respeito às diferenças. Portanto, o trabalho das duas (a idéia de partir da cultura dos povos indígenas, enfocando as suas produções, seus grafismos, sua relação com a natureza) esteve em sintonia com o que planejamos”, informa a diretora Eliana Vaz.

Coleta de sementes – Com base no material pesquisado, Luciana e Rosimeri decidiram começar o trabalho a partir da idéia de *ponto* ou “a entidade geométrica que não tem dimensões (não tem altura, comprimento nem largura)”. Mais uma vez os alunos saíram em campo, desta vez para recolher sementes. Depois de analisar com eles a cor, utilidade, tamanho e durabilidade de cada uma delas, as professoras propuseram a produção de mandalas, como a da foto que ilustra esta página. Para quem não conhece, mandala é uma palavra do sânscrito (língua clássica da Índia antiga) que significa círculo. O fato de terem que realizar trabalhos em grupos e individualmente, segundo as professoras, fez com que os alunos entendessem as possibilidades que se abrem quando se trabalha em conjunto. As noções de cooperação e integração foram sentidas por eles na pele.



TEXTO

MARTHA NEIVA MOREIRA

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

Durante a produção das mandalas foi relativamente fácil trabalhar conceitos essenciais à geometria. “A geometria deixou de ser um bicho-papão. Ficou mais interessante para a gente e mais fácil depois fazer os desenhos no papel”, comenta o aluno Gustavo Espinati, de 13 anos. “Foi importante termos primeiro trabalhado em material sólido conceitos como forma octogonal, simetria radial, círculos concêntricos e espiral, por exemplo, e depois passar para o bidimensional. A geometria é considerada uma área difícil, que requer percepção visual. Por isso foi um ótimo casamento”, completa Rosimeri.

Muitos materiais diferentes foram usados na construção de formas variadas, que se tornaram posteriormente objetos utilitários. As garrafas PET foram transformadas em cilindros de botar lápis, latas de lixo, cestas circulares com alças trançadas, inspiradas nos balaies indígenas, além de pequenos potes. O papel reciclado e tingido pelos próprios alunos também foi muito utilizado. Ele serviu de base para grafismos também inspirados nas pinturas indígenas. Foi possível trabalhar várias noções de linhas, retas, semi-retas com esses desenhos e também com a colagem de fitas nos papéis. Hoje, os trabalhos estão expostos em uma das salas da escola.

Caixa de ovo, leite, garrafas, latas, folha de bananeira (muito comum na região) – tudo foi trazido de casa pelos alunos, ninguém precisou comprar nada. Isso foi importante para chamar a atenção deles para o fato de ser possível transformar o que normalmente serve para sujar a cidade em objetos úteis. “Tenho percebido que essas turmas estão mais cuidadosas com a escola. As sementes, por exemplo, não foram usadas para fazer ‘guerrinha’ no recreio”, observa a diretora. Esses objetos, além de enfeitar a escola e serem úteis, facilitaram neste caso o estudo de conceitos da geometria como figura/fundo, simetria, polígonos, poliedros, cor, dobro, metade, curvas etc.

E em todo o processo o que não faltou foi criatividade. Segundo Luciana, a maioria dos trabalhos primou pela qualidade estética. Alguns deles foram expostos na Semana de Arte da 10ª CRE, o que contribuiu muito para a elevação da auto-estima das crianças. “Acho

que conseguimos, com esta proposta, respeitar a fase de desenvolvimento de cada aluno em relação à arte gráfica e o resultado estético realmente me surpreendeu. E acho que a eles também, que ficaram extremamente felizes e se sentindo valorizados de verem seus trabalhos em uma exposição”, conta Luciana. ■

Deu certo

- A cooperação entre os alunos e a integração na hora de fazer os trabalhos em grupo
- A qualidade estética dos trabalhos
- A elevação da auto-estima dos alunos
- O cuidado dos alunos com a escola

Poderia ser modificado

- A pesquisa de materiais poderia ser ampliada
- É preciso inserir no planejamento textos sobre a história da matemática
- É preciso aprofundar a abordagem sobre outras culturas
- É preciso trabalhar com o conceito de mídias

Etnomatemática

O prefixo *etno* refere-se a *etnia*, ou seja, ao sistema de conhecimentos e cogações de uma determinada cultura. Assim, a etnomatemática pode ser entendida como um produto cultural, considerando que cada grupo sociocultural produz a sua matemática, resultante das suas necessidades específicas. E, como produto cultural, tem a sua história e determinantes econômicos, sociais e culturais.

No Brasil, o Movimento de Etnomatemática surgiu em 1975, a partir das pesquisas de Ubiratan D’Ambrósio, atualmente professor-titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

(CRISTINA CAMPOS)

SAIBA MAIS

Programa *Nós da Escola* n. 201, “Matemática e Linguagem”.

Sintonia com a comunidade



Mario Cesar Continelo, a professora Stelamaris Cabral, Anderson Silva e a diretora Elza França trabalham para integrar a escola à comunidade

A preocupante exposição das crianças à violência motivou a equipe do Ciep Nelson Hungria, no bairro de Paciência, Zona Oeste da cidade, a promover ações com o objetivo de melhorar a qualidade de vida dos alunos, grande parte deles residente na Comunidade do Gouveia, no mesmo bairro. Para conhecer melhor a realidade dos alunos, professores visitaram ruas e residências da região e o projeto incorporou atividades culturais e esportivas, nos dias de aula e nos fins de semana, aproximando mais a garotada do ambiente escolar.

Como as crianças relatavam casos frequentes de invasão de quadrilhas de traficantes à sua comunidade e os professores perceberam que elas estavam com medo, a diretora sentiu que estava na hora de privilegiar o diálogo e trabalhar, através da leitura, formas de lidar com o medo e a incerteza. Na unidade estudam 1.566 crianças da educação infantil até o ano inicial do segundo ciclo, e por isso a equipe estabeleceu uma forma de comunicação diferenciada para cada faixa etária.

O primeiro passo foi procurar as associações de moradores da região para desenvolver

projetos em conjunto e também conhecer as reivindicações e necessidades da comunidade. Em seguida, a diretora, Elza França, reuniu os professores e enfatizou a necessidade de o grupo conhecer as condições sociais das crianças, através de visitas a suas casas. Essas ações foram registradas em fotos para resgatar um pouco da memória do local e discutir a questão da identidade com os alunos.

“Depois disso, mudaram muito as relações interpessoais entre professores, gestores e alunos. A partir do momento em que você sabe de onde a criança vem, que tipo de vida leva, qual tipo de moradia habita, você passa a ter um olhar diferenciado”, ressalta a professora do primeiro ciclo Stelamaris Cabral. O coordenador pedagógico da escola, Anderson Silva, há cinco anos na unidade, também percebeu as mudanças. Para ele, o professor passou a ter mais sensibilidade no trato com os alunos, o que também contribuiu para que estes ficassem mais atraídos pela escola.

O horário integral facilitou a elaboração do projeto, que misturou artes visuais e cênicas com atividades na sala de leitura e exibição ►

TEXTO

CAROLINA BESSA

E MARTHA NEIVA MOREIRA

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

de vídeos. Além disso, atividades esportivas, como a capoeira, no âmbito do Projeto Germinal Mel, da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer (Smel), também fizeram sucesso entre os estudantes. “Tanto a arte como o esporte podem servir como instrumentos inovadores e libertadores da consciência humana, onde o indivíduo liberta processos de repressão, indignação, sofrimento, baixa estima e frustrações”, revela a professora Stelamaris Cabral, em artigo que escreveu denominado “Escola – uma estratégia de risco”.

Portas abertas – Outro ponto forte do projeto foram as atividades esportivas e artísticas, as aulas de informática e o atendimento de saúde

realizados aos sábados, com o apoio do posto de saúde local. “Trouxemos psicólogos, assistentes sociais, nutricionistas e enfermeiras. Vieram também voluntários da comunidade para promover oficinas na escola”, ressalta Elza. Atualmente, as atividades aos sábados estão suspensas e o projeto passa por reformulação em ação conjunta com a Associação de Moradores e Amigos de Paciência.

A série de ações já produziu resultados significativos, porque provocou mudanças na formação dos alunos, no que diz respeito à educação ambiental e sexual, e também melhorias no comportamento em sala de aula. De acordo com a diretora, o número de jovens grávidas precocemente diminuiu com as palestras e as agressões físicas entre alunos também registraram queda. “As vezes, os pais vinham à escola para agredir os filhos aqui dentro. Houve casos até de agressões aos professores. Mas aos poucos a situação está melhorando. Apesar de o ano letivo estar apenas começando, não nos procuraram mais para reclamar da agressividade de nenhum aluno. Antes, os problemas surgiam logo”, comemora Elza. ■

Deu certo

- A realização de atividades artísticas e esportivas em horário integral
- O trabalho de ambientação dos professores, que foram conhecer a realidade das ruas e residências da Comunidade do Gouveia.
- O trabalho de conscientização desenvolvido junto a alunos e comunidade em prol da preservação do meio ambiente, da manutenção das ruas limpas e do desenvolvimento de hábitos de higiene.

Poderia ser modificado

- A visita dos professores à comunidade poderia ser mais constante. Pelo menos 30% deles ainda não fizeram a ambientação.
- Reformular o planejamento das atividades para que a escola volte a ser aberta aos sábados para a comunidade, oferecendo serviços de higiene bucal, assistência psicológica, aulas de informática, atividades esportivas e artísticas.

A escola e seu entorno

Ações que aproximem a comunidade da escola não podem ficar restritas a discursos. O sucesso escolar depende também do trabalho que a escola desenvolve junto às famílias de seus alunos e da comunidade onde está inserida.

Conhecer os problemas, dificuldades, carências, aspirações e desejos de todos os envolvidos é um passo muito importante para chegar a possíveis soluções. Rever conceitos, modificar e adaptar antigos procedimentos, por meio de diálogos constantes e ações intra e extra-escolares, permite consolidar a relação escola-família-comunidade.

(CRISTINA CAMPOS)

Dedicado guardião da floresta

Um Schubert que não é clássico, mas que mantém em harmonia a natureza no Parque da Tijuca

No passado o uniforme cáqui com chapéu e distintivo estampando uma árvore e um esquilo até que lembrava o uniforme dos guardas florestais dos desenhos animados. Mas hoje é o colete e o chapéu verde-oliva com inscrição do Ibama o que identifica os responsáveis pela fiscalização ambiental na cidade. Passados 26 anos de atuação no Parque Nacional da Tijuca, Schubert Damião da Silva Moço, de 48 anos, ainda acha graça quando alguém descobre a sua profissão e lembra do personagem do Zé Colméia, criado pela dupla Hanna-Barbera. Na animação, um guarda florestal persegue ursos que roubam cestas de piquenique do parque. “Assim que comecei a trabalhar sempre mexiam comigo. Viviam me perguntando onde estava o Catatau [ursinho companheiro do personagem-título do desenho]”.

Apesar de terem como atribuição tudo o que um típico guarda florestal faz, profissionais como Schubert nunca foram conhecidos assim por aqui. Aprovado em concurso público, em 1980, foi nomeado agente auxiliar operacional em defesa florestal, cargo que anos mais tarde passou a se chamar técnico ambiental. Mas nem por isso deixou de ser chamado de “seu guarda”, quando algum visitante queria pedir informações. Simpático e falante, Schubert conhece cada recanto da mata, sua fauna e sua flora. Só não gosta quando algum gaiato resolve chamá-lo de “fiscal da natureza”, uma maneira indireta de dizer que seu ofício é “moleza”

A própria rotina de Schubert derruba o estereótipo. Ele percorre a pé ou de carro toda a área da Floresta da Tijuca, ajuda a resgatar visitantes perdidos na mata, auxilia bombeiros no combate a incêndios, coíbe a atuação de caçadores que montam acampamento em recantos mais escondidos da mata e salva do atropelamento animais que vão parar nas vias públicas no entorno do parque. “Já tive que resgatar bichos-preguiça, quatis e cobras que chegavam à pista do Alto da Boa Vista”, conta ele.



Um dos problemas apontados por Schubert na sua profissão são as buscas de jovens perdidos na mata. Grupos de rapazes, principalmente na faixa dos 16 aos 22 anos, não respeitam o horário de funcionamento do parque e quando cai a noite não encontram a trilha de volta. O resgate mais difícil se deu no ano passado. Dois senhores, de 57 e 60 anos, chegaram ao parque por volta das 10 da manhã e nove horas depois as famílias comunicaram o desaparecimento deles. Com o auxílio do Corpo de Bombeiros, os dois senhores foram encontrados no Morro da Cocanha, a 982 metros de altitude – um lugar bastante íngreme, acessado por diversas trilhas “Tivemos que fazer o resgate à noite, na mata fechada. Como já estavam exaustos e com dificuldades de caminhar no escuro, só retornamos quatro horas depois de localizá-los”, conta Schubert.

De olho nos caçadores – Outra aventura inesquecível para Schubert foi quando ele e colegas de profissão tiveram de caminhar durante oito horas mata adentro para dismantelar um rancho de caçadores. Ao avistar o pessoal ►

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO



Schubert Damião da Silva Moço, 48 anos

- Conhece algumas sinfonias de seu xará, o compositor austríaco Franz Schubert (1797-1828), mas não tem preferência pela música clássica. Hoje gosta de ouvir as canções de Cartola e na juventude era adepto do rock de Led Zeppelin, Pink Floyd e Rod Stewart.
- Um dos seus canais preferidos é o National Geographic.
- Curte um churrasco com amigos e familiares nos fins de semana e admite não ter uma alimentação muito saudável.

da fiscalização, os homens fugiram, deixando para trás vestígios de sua permanência na área. “Já desmanchamos cerca de 30 ranchos desde o ano 2000, quando surgiu a lei de crimes ambientais. Muitos deles costumam se instalar na mata fechada, nos feriados prolongados e fins de semana, para capturar animais”, conta o profissional do Ibama.

Os olhos do técnico ambiental também estão atentos aos riscos de desmatamento e incêndios na Mata Atlântica. O caso mais grave de queimada que ele presenciou aconteceu em 2005. A área atingida correspondia a quatro campos oficiais de futebol. O fogo atingiu o Maciço da Tijuca. Apesar da devastação causada, hoje a área do Parque Nacional da Tijuca, que é administrado pelo Ibama em parceria com a Prefeitura do Rio, é ainda maior que na época em que Schubert começou a trabalhar. Isso se explica pela anexação do Parque Lage e das Serras dos Pretos-Forros e da Covanca, que fez a área do parque passar de 3,2 mil hectares para 3,95 mil, por decreto federal. A preservação das espécies animais é outro desafio. “Quando cheguei aqui, falaram que tinha jaguatirica, mas nunca vi nenhuma. Só é possível encontrar uma dessas no Maciço da Pedra Branca”.

Ele credita à maior consciência ecológica e à criação de leis de preservação a proliferação de outras espécies, como os quatis, que eram raros e agora são vistos aos bandos pelo parque. O animal mais interessante que avistou uma única vez foi um tamanduá-bandeira, espécie típica da região do cerrado. Com outros, ele já se acostumou, como cachorros-do-mato, guaxinins, tatus, pacas, macacos-prego, cobras e aves das mais variadas. No parque, já encontrou uma das maiores serpentes da América Latina: a jararacuçu. Ela é muito agressiva e pode atingir 1,8m de comprimento.

Nascido e criado na roça, no distrito de Pipeiras, em São João da Barra (RJ), Schubert sempre gostou do contato com a natureza. Seu pai tinha uma pequena propriedade em que plantava frutas e hortaliças para a subsistência e também cana-de-açúcar para vender. Na época, Shubert, ainda menino, o ajudava no trabalho árduo da lavoura. Determinado, não mediu esforços quando foi avisado por

um primo do concurso público para a área ambiental. Ele conta que, na época, ainda não havia completado o antigo 2º grau, escolaridade mínima para assumir a função, mas não se intimidou. Do processo seletivo à posse ultrapassou alguns obstáculos.

Corrida desenfreada – O primeiro foi a falta de informação. Na sua cidade, pouco se sabia do Rio de Janeiro. Certo dia, por acaso, o primo que também havia se inscrito no mesmo concurso descobriu em um jornal que a prova seria no dia seguinte. A partir de então foi uma corrida contra o tempo para que os dois chegassem na hora de fazer a prova na Ilha do Fundão. “Precisamos fazer o trajeto São João da Barra–Campos, mas nenhum taxista queria pegar passageiros à noite. Na época, estava acontecendo na região uma série de assassinatos e os motoristas morriam de medo de serem atacados. Com muito custo, conseguimos um que nos levasse em casa para buscar documentos e trocar de roupa e, de lá, nos trouxesse até Campos, para pegar um ônibus até o Rio”, explica.

Depois da corrida desenfreada, na fila de entrada, Schubert percebeu que concorria com estudantes de odontologia, direito e engenharia. Mas o primo e ele acabaram se saindo bem na prova. O primeiro passou entre os primeiros classificados e Schubert foi convocado um ano depois, para a sua sorte. Foi o tempo suficiente para terminar os estudos e atingir a escolaridade exigida para assumir a função. “Recebi o certificado da escola em uma terça-feira e fui chamado pelo pessoal do concurso na sexta”.

Depois disso, sua vida mudou. Conheceu sua mulher em plena Floresta da Tijuca, enquanto ela passeava, e já estão juntos há 25 anos. Passou a morar em uma casa no interior do parque e o casal teve três filhos: duas meninas e um menino. Apesar de se sentir à vontade por morar em um lugar tranquilo, repleto de verde, Schubert não dispensa outros atrativos da Cidade Maravilhosa, como praia e restaurantes. Nas horas de lazer também gosta de escutar rádio e participar de churrascos com amigos e familiares. “Gosto de fazer trilhas, conheço todas elas, mas só durante a semana. Nos dias de lazer da família, prefiro coisas diferentes”, explica. ■

Vias que aproximam a cidade

A construção dos túneis ajudou a melhorar a qualidade de vida da população do Rio de Janeiro

Imagine ter que passar pelo centro da cidade para ir da Tijuca a Laranjeiras. E ter que dar uma volta enorme para ir da Rua Real Grandeza em Botafogo até Copacabana. Entremeadado por montanhas, o Rio de Janeiro não seria o mesmo sem os seus túneis, que encurtam distâncias entre os bairros da cidade. O primeiro a ser construído foi o da Rua Alice, que liga a Rua Barão de Petrópolis, no Rio Comprido, à Rua Alice, em Laranjeiras, e foi inaugurado em 1887. De lá para cá, o Rio ganhou nada menos do que 20 túneis. Inicialmente, eles foram abertos para o tráfego de bondes, que dominou o transporte da cidade desde a sua inserção no século XIX até a popularização do automóvel.

A abertura dos túneis “promoveu” Copacabana, que passou de colônia de pescadores a bairro. Até o século XIX, o acesso à praia podia ser feito através das ladeiras do Barroso (hoje Ladeira dos Tabajaras) e do Leme, ou trilhando um longo percurso pela Lagoa Rodrigo de Freitas. Foi apenas em 1892 que Copacabana se tornou um bairro. Contribuíram para essa mudança a chegada dos bondes da Cia. Ferro Carril Jardim Botânico e a abertura, em 1902, do Túnel Alaor Prata, mais conhecido como Túnel Velho, que liga a Rua Real Grandeza em Botafogo à Rua Siqueira Campos em Copacabana. Construído pela própria companhia de transporte, foi inaugurado como Túnel Real Grandeza, para concretizar uma estratégia imobiliária de promover a ocupação da região litorânea do bairro e um estilo moderno de vida.

O terceiro túnel veio em 1906, quando foi inaugurada a primeira galeria do Túnel Novo. Com o nome de Túnel Carioca, foi rebatizado em 1937, passando a se chamar Engenheiro Coelho Cintra. Dessa forma, toda uma infraestrutura foi montada antes do *boom* demográfico do bairro na década de 1930. Em 1949, o Túnel Novo ganhou uma segunda galeria de nome Engenheiro Marques Porto.

Mas demorou até os anos 1960 para o Rio de Janeiro ter seus dois grandes marcos: os Túneis Santa Bárbara e Rebouças. O primeiro demorou mais de uma década para ser construído e foi inaugurado em 1964. Três anos depois, foi aberto ao tráfego o Rebouças, assim batizado em homenagem aos irmãos engenheiros André e Antônio Rebouças. O túnel tem dois trechos: o primeiro, com 2.040 metros de comprimento, liga a Lagoa ao Cosme Velho, enquanto que o segundo faz a ligação do Cosme Velho ao Rio Comprido, adicionando mais 772 metros ao trajeto. O objetivo de sua construção foi criar uma passagem da Zona Norte à Sul sem que fosse necessário passar pelo Centro, e assim desafogar o tráfego da cidade.

TEXTO

FABIO ARANHA

FOTOS

ARQUIVO GERAL DA CIDADE



Obra de abertura do Túnel Noel Rosa em 1978

A força da indústria – Segundo Pedro Teixeira Soares, assessor da Secretaria Municipal de Transportes Urbanos (SMTU), os grandes túneis da cidade foram construídos por causa do ►

aumento de automóveis em circulação no Rio no pós-guerra. “Durante a guerra, havia falta de gasolina e a importação de automóveis cessou. A partir de 1946, a importação foi retomada e o abastecimento de gasolina, regularizado. Além disso, em 1955, Juscelino Kubitschek inaugurou a indústria automotiva brasileira e a economia cresceu com base na política industrial do governo. O consumo acompanhou o crescimento do país. As vias não estavam preparadas para a quantidade de veículos que tomou a cidade. Foi necessária a construção de túneis, viadutos e linhas expressas para permitir que todos esses carros circulassem”, explica, citando o exemplo de obras como a Avenida Perimetral, que foi construída em três partes a partir de 1955, o Aterro do Flamengo e o Elevado Paulo de Frontin.

A partir dos anos 1970, novos túneis foram construídos para se chegar à Barra da Tijuca, área para onde a cidade começou a se expandir. Em 1971, foram inaugurados os Túneis Dois Irmãos (Zuzu Angel), do Joá e do Pepino. Em 1982, foi aberto o Túnel Acústico da PUC. Os últimos túneis construídos na cidade fazem

parte da Linha Amarela: um corredor expresso unindo Barra da Tijuca e Jacarepaguá até a Linha Vermelha, na altura da Ilha do Fundão, e, por meio dela, até o Centro. O objetivo foi integrar os bairros da Zona Norte à Barra. Em 1997, foram inaugurados os Túneis Engenheiro Francisco de Paula Soares (Túnel da Covanca), Engenheiro Enaldo Cravo Peixoto e Geólogo Enzo Totis. Com 2.197 metros de comprimento, o Túnel da Covanca tirou do Rebouças o título de maior túnel urbano de galeria contínua da América Latina.¹

Modelo esgotado – Teixeira Soares ressalta, entretanto, que é preciso rever o modelo automotivo de transporte da cidade, pois ele está esgotado. “A quantidade de carros não pára de crescer e ampliar as vias existentes é impossível. A cidade não dá mais conta da quantidade de carros e ônibus que circulam em suas ruas. Além disso, os veículos usam combustíveis fósseis, que são altamente poluentes. São ruins para o meio ambiente, a qualidade do ar e a saúde da população”, comenta.

Em sua opinião, com as distâncias que temos na cidade, só será possível resolver os problemas de congestionamento mudando os meios de transporte. É preciso investir no transporte ferroviário, ou seja, em trens e metrô, e nas hidrovias. “Já existe tecnologia para aumentar a velocidade dos barcos, que são usados como transporte de massa no mundo todo. Trens e metrô têm capacidade de transporte muito superior aos automóveis e ônibus, além de serem mais rápidos. Um automóvel pode chegar a 200km por hora, mas a velocidade na cidade diminui por causa do trânsito. Os trens são precários porque não há investimento nas vias. Os trilhos são velhos e não permitem grande velocidade. É preciso investir nas vias para poder aumentar o número de composições. Também é possível aproveitar leitos de estradas de ferro para o metrô”, frisa Soares. ■

Túneis do Rio de Janeiro

- Túnel da Rua Alice, 1887
- Túnel Velho, 1902
- Túnel Novo (1ª galeria – Túnel Engenheiro Coelho Cintra), 1906
- Túnel João Ricardo (Centro–Gamboa), 1919
- Túnel Novo (2ª galeria – Túnel Engenheiro Marques Porto), 1949
- Túnel Sá Freire Alvim (Copacabana)
- Túnel do Pasmado (Botafogo), 1962
- Túnel Major Rubem Vaz (Copacabana), 1963
- Túnel Santa Bárbara, 1964
- Túnel Rebouças, 1967
- Túnel Dois Irmãos (Zuzu Angel – São Conrado), 1971
- Túnel do Joá (São Conrado–Barra), 1971
- Túnel do Pepino (São Conrado), 1971
- Túnel Martins Sá (Frei Caneca – R. Frei Caneca–R. Henrique Valadares), 1977
- Túnel Noel Rosa (Vila Isabel–Jacarezinho), 1978
- Túnel Acústico da PUC, 1982
- Túnel Engenheiro Francisco de Paula Soares (Túnel da Covanca – Linha Amarela: Água Santa–Jacarepaguá), 1997
- Túnel Falso da Suíça Carioca (Túnel Acústico), 1997
- Túnel Engenheiro Enaldo Cravo Peixoto (Linha Amarela), 1997
- Túnel Geólogo Enzo Totis (Linha Amarela), 1997

¹Na metragem total, o Túnel Rebouças é maior, pois tem 2.840 metros. Porém, ele é dividido em duas galerias, que têm 2.040 metros e 772 metros. A primeira galeria era a responsável pelo recorde que caiu em 1997.

Dois destaques na coluna deste mês. Um, o da escritora e ilustradora escocesa Debi Gliori, que produziu boa parte de seu trabalho literário e artístico na hora de pôr os cinco filhos para dormir. Em *Histórias para ler na cama*, Debi usou de todo o seu talento para recontar nove histórias cheias de humor, com detalhes que encantam tanto as crianças que as ouvem pela primeira vez como os pais, que cresceram ouvindo-as. Outro destaque são os 28 artigos reunidos no lançamento *Procura-se!*, da Editora Companhia das Letras, que falam de algumas espécies de animais em risco de extinção.

Livros

História e cinema

Eduardo Morettin, Elias Thomé Saliba, Maria Helena Capelato, Marcos Napolitano, orgs.
Alameda, 2007

Em pouco mais de 100 anos de existência, o cinema produziu – e ainda produz – incontáveis filmes que tomam o passado como inspiração para seus temas e roteiros. A Revolução Russa, a ascensão do Terceiro Reich, a relação entre cinema e Estado, reflexões culturais e sociais como as que ocorrem antes e depois

de guerras e golpes de Estado, questões religiosas e impacto da ficção televisiva são apenas alguns dentre inúmeros temas abordados através da linguagem audiovisual. Resultado de dois anos de intenso trabalho, *História e cinema* é uma coletânea de textos de pesquisadores da área de história e de audiovisual, dedicada a examinar as relações entre cinema e história, e de pensar o filme como documento de discussão de uma época e seu estatuto como objeto de cultura.



Procura-se!

Vários autores

Companhia das Letras, 2007

Abelha-uruçu, morceguinho-do-cerrado, surucucu-pico-de-jaca, tamanduá-bandeira tubarão-mangona, urubu-rei... O que todos esses bichos têm comum? Eles estão ameaçados de extinção. Em *Procura-se!* estão reunidos artigos escritos por professores e pesquisadores de diferentes universidades do Brasil e do mundo. Neles, os autores descrevem sua aparência, seus costumes, revelam curiosidades, além de explicar o motivo de seu possível desaparecimento e o que está sendo feito para evitar que isso aconteça.

Mesmo bastante informativos, os textos têm linguagem acessível e atraente para as crianças.

Histórias para ler na cama

Debi Gliori; tradução: Heloisa Jahn
Companhia das Letras, 2007

Nove histórias conhecidas, recontadas e ilustradas com capricho. Para ler e contar na hora de dormir, mas também na hora de acordar, de brincar, de descansar...

Matemática no cotidiano infantil

Silvia Marina Guedes dos Reis
Papirus, 2006

Como as noções básicas em matemática, lógica e geometria começam a

ser elaboradas na infância, é vital que a base seja sólida, bem construída e bem trabalhada. Este livro apresenta sugestões de jogos, brincadeiras e atividades que buscam desenvolver o raciocínio lógico-matemático e trabalhar o conteúdo a ser explorado com crianças de três a seis anos de forma lúdica, interativa e desafiadora, auxiliando o educador a construir um “ambiente matematizador” em sala de aula. Várias atividades aliam arte e criatividade, como o desenho com formas geométricas e a construção de jogos e materiais com sucata, proporcionando às crianças a satisfação de construir seus próprios jogos, além de trabalhar o conceito de reciclagem.

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO	
BandRio								
14h-14h30	Crônicas da minha escola Série sobre Educação Acervo MULTIRIO Tons e sons	Br@nché (Língua Francesa) Gerúndio e Cacófato Tempo e clima	Nós da Escola Temas: A história do samba. A gestão numa escola ciclada, entre outros.	Encontros com a Mídia Convidados: Rita Ribes, Gutí Fraga, entre outros.	Viajantes da História Série que faz um passeio pela História	9h-9h30	Cara de Criança Programas infantis: Lucas e Lucinda Meu pequeno planeta Museu mutante	Documentário especial Acima do peso (dia 8) Já não é sem tempo (15) Papagaios amarelos (22) A civilização do cacau (29)
14h30-15h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	9h30-10h	Contos de fadas poloneses Narrativas animadas	

Net - canal 14

7h30-8h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Documentário especial Brasil em movimento – A guerra civil (dia 8) Brasil em movimento – Assalto ao poder, parte 1 (15) Brasil em movimento – Assalto ao poder, parte 2 (22) O mundo cabe numa cadeira de barbeiro (29)
8h-8h30	Séries e documentários O mundo secreto dos jardins Aqui no meu país É tempo de diversão	Cara de Criança Programas infantis: Lucas e Lucinda Meu pequeno planeta Museu mutante Contos de Wilde Épicos animados	Séries e documentários Arte e Matemática É tempo de diversão As religiões do mundo	Séries e documentários Mesa brasileira Viajantes da História	Cantos do Rio MPB	Cara de Criança Programas infantis: Lucas e Lucinda Meu pequeno planeta Museu mutante Contos de Wilde Épicos animados	Atletas do Rio Gerúndio e Cacófato Memórias cariocas Aventuras cariocas
8h30-9h	As religiões do mundo	Como a arte moldou o mundo Poder da imagem nas sociedades humanas	Abrindo o Verbo Temas: Ano da Física, entre outros.	Nós da Escola Temas: A história do samba, A gestão numa escola ciclada, entre outros.	Crônicas da minha escola Série sobre Educação	Como a arte moldou o mundo Poder da imagem nas sociedades humanas	Abrindo o Verbo Temas: Ano da Física, entre outros.
9h-9h30	Documentário especial Brasil em movimento – A guerra civil (dia 2) Brasil em movimento – Assalto ao poder, parte 1 (9) Brasil em movimento – Assalto ao poder, parte 2 (16) O mundo cabe numa cadeira de barbeiro (23)	Noah e Saskia Série australiana	Atletas do Rio Gerúndio e Cacófato Memórias cariocas Aventuras cariocas	Arte e Matemática Série que relaciona as duas áreas	Viajantes da História Série que faz um passeio pela História	O mundo secreto dos jardins Série sobre os habitantes desse ambiente	Nós da Escola Temas: A história do samba, A gestão numa escola ciclada, entre outros.
9h30-10h							
10h-10h30	Acervo MULTIRIO* O melhor da programação	Acervo MULTIRIO* O melhor da programação	Acervo MULTIRIO* O melhor da programação	Acervo MULTIRIO* O melhor da programação	Acervo MULTIRIO* O melhor da programação	Acervo MULTIRIO* O melhor da programação	Encontros com a Mídia* Convidados: Rita Ribes, Gutí Fraga, entre outros.
10h30-11h							
11h-11h30	Videoteca* Séries e documentários para gravar Tempo e clima* Geografia física e meteorologia	Videoteca* Séries e documentários para gravar Tempo e clima* Geografia física e meteorologia	Videoteca* Séries e documentários para gravar Tempo e clima* Geografia física e meteorologia	Videoteca* Séries e documentários para gravar Tempo e clima* Geografia física e meteorologia	Videoteca* Séries e documentários para gravar Tempo e clima* Geografia física e meteorologia	Videoteca* Séries e documentários para gravar	O mundo secreto dos jardins* Série sobre os habitantes desse ambiente

Net Educação

12h-12h30	Reflets Curso de Francês Gerúndio e Cacófato	Reflets Curso de Francês As formas do invisível	Reflets Curso de Francês Gerúndio e Cacófato	Reflets Curso de Francês As formas do invisível	Br@nché (Língua Francesa) Gerúndio e Cacófato	Assista a nossa programação também na TV Alerj (canal 12 da Net), de segunda a sexta-feira, das 8h às 10h e das 21h às 22h, e aos sábados e domingos, das 20h às 22h.
12h30-13h	Arte e Matemática Série que relaciona as duas áreas	Mesa brasileira Série sobre cultura e hábitos alimentares	Viajantes da História Série que faz um passeio pela História	Documentário especial Brasil em movimento – A guerra civil (dia 5) Brasil em movimento – Assalto ao poder, parte 1 (12) Brasil em movimento – Assalto ao poder, parte 2 (19) O mundo cabe numa cadeira de barbeiro (26)	Aqui no meu país Série sobre curiosidades culturais	
13h-13h30	Encontros com a Mídia Convidados: Rita Ribes, Gutí Fraga, entre outros.	O mundo secreto dos jardins Série sobre os habitantes desse ambiente	Crônicas da minha escola Série sobre Educação		Nós da Escola Temas: A história do samba, A gestão numa escola ciclada, entre outros.	
13h30-14h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	

Programação sujeita a alterações. Para mais informações, consulte www.multirio.rj.gov.br. * Exceto na semana de 16 a 22 de abril, quando serão exibidos os seguintes documentários: *Já não é sem tempo* (dia 16), *O mundo cabe numa cadeira de barbeiro* (17), *A civilização do cacau* (18), *Brasil em movimento – A guerra civil* (19), *Brasil em movimento – Assalto ao poder, parte 1* (20), *Brasil em movimento – Assalto ao poder, parte 2* (21) e *Papagaios amarelos* (22).



NÓS DA ESCOLA

Um programa que não pode faltar na sua escola.

Veja abaixo o que foi exibido em 2006. Caso a sua escola não disponha de algum desses programas, encaminhe pedido à MULTIRIO e receba a cópia. Ligue (21) 2528-8282 ou envie e-mail para ouvidoria@pcrj.rj.gov.br.

PGM 121 - ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL

Regras de uma boa alimentação, Programa de Educação Alimentar e Oficina de Nutrição para alunos.

PGM 125 - CONHECENDO O CENTRO DA CIDADE

Dicas de passeio no Centro da cidade.

PGM 129 - ENCONTRO COM A LEITURA

O programa tem como objetivo incentivar a leitura.

PGM 132 - POR DENTRO DA CÉLULA

Uma verdadeira aula audiovisual sobre célula e como é feita a extração de DNA de um morango.

PGM 135 - A MISSÃO ARTÍSTICA FRANCESA

Artistas que pintaram e transformaram a cidade no início do século XIX.

PGM 142 - REVELANDO A FOTOGRAFIA

O processo fotográfico, a técnica de fotografar usando uma lata, o acervo de fotografias de D. Pedro II.

PGM 144 - QUALIDADE DE VIDA

Dicas de qualidade de vida com as nutricionistas do Instituto de Nutrição Annes Dias.

PGM 152 e 207 - MAPA DA MINA

Professores mostram o lado cultural do Rio de Janeiro, em passeio por ruas, museus e jardins da cidade.

PGM 154 - NA ESTANTE

Bons livros que estão nas Salas de Leitura das escolas da Prefeitura do Rio.

PGM 155 - LINGUAGENS ARTÍSTICAS

Experiências no ensino de Linguagens Artísticas nas escolas da Prefeitura do Rio.

PGM 160 - COMO NASCEM OS LIVROS

A produção de um livro, em suas diferentes etapas, até chegar à livraria.

PGM 169 - O FUNK E O RAP NO RITMO DA ESCOLA

Como professores podem se apropriar de forma positiva desse universo musical dos alunos.

PGM 172 - DA PEDRA BRANCA AO PAU DA FOME

Um passeio pela maior floresta urbana do mundo, o Parque Estadual da Pedra Branca.

PGM 176 - INFORMÁTICA EDUCATIVA

Projeto de informatização como parte integrante do processo educativo.

PGM 179 - TEMAS EM DEBATE - PRINCÍPIOS E NÚCLEOS

Debate com professores da Rede sobre o Núcleo Curricular Básico Multieducação.

PGM 180 - A FAMÍLIA REAL

A vida e os pensamentos de brasilidade da nossa Família Real. Histórias de D. João VI, D. Pedro I e D. Pedro II.

PGM 183 - TEMAS EM DEBATE - EDUCAÇÃO INFANTIL

Como pensar a Educação Infantil com o olhar da Multieducação. Resgate da concepção de criança.

PGM 184 - LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

O que foi debatido no evento Imagem, Meio e Reflexo. Depoimentos de escritores consagrados, como Afonso Romano de Sant'Anna e Roger Mello.

PGM 185 - GESTÃO PARTICIPATIVA

A gestão participativa da Educação no município do Rio de Janeiro.

PGM 187 - TEMAS EM DEBATE - LEITURA E ESCRITA

Debate sobre o lançamento dos fascículos da Multieducação.

PGM 188 - TEMAS EM DEBATE - PRIMEIRO CICLO DE FORMAÇÃO

Grupo de educadores debate o trabalho do primeiro ciclo de formação do Ensino Fundamental.

PGM 189 - TEMAS EM DEBATE - SALA DE LEITURA

O papel e a importância da sala de leitura dentro da rotina escolar.

PGM 190 - O ESPORTE NA MÍDIA. A ESCOLA ENTRA EM CAMPO

O que as crianças e as escolas andam produzindo em matéria de mídia, tendo o esporte como tema.

PGM 194 - TEMAS EM DEBATE - MÍDIA E EDUCAÇÃO

Importância da mídia e educação na Rede Pública Municipal. Uso da mídia como ferramenta e linguagem.

PGM 195 - REVISTA - SUCESSO ESCOLAR

Exemplos de êxito de alunos da Rede e como funciona o projeto Escola de Bamba, que une samba e conhecimento.

PGM 196 - NOVAS TECNOLOGIAS E LUDICIDADE

Como os professores estão se apropriando das linguagens das novas tecnologias para uso em sala de aula.

PGM 197 - ALIMENTAÇÃO ESCOLAR

Dicas de alimentação saudável e técnicas de plantio como hidroponia.

PGM 198 - MACHADO DE ASSIS - O BRUXO DO COSME VELHO

Documentário sobre um dos maiores escritores do Brasil.

PGM 199 - REVISTA: A SAÚDE DA VOZ

Destaque à voz do professor e dos alunos e dicas sobre os cuidados que se devem ter.

PGM 200 - ESPECIAL MEIO AMBIENTE

Como a educação ambiental está presente em todas as disciplinas nas escolas da Prefeitura do Rio.

PGM 201 - MATEMÁTICA E LINGUAGEM

O trabalho realizado por professores com essas disciplinas de acordo com a Multieducação.

PGM 202 - ENCONTROS COM A LEITURA 3

Dicas de livros das Salas de Leitura, dando destaque para a importância da leitura.

PGM 203 - LUDICIDADE E CORPO

Bons exemplos de como as escolas estão trabalhando a questão do autoconhecimento corporal e como isso ajuda no processo de ensino.

PGM 204 - PROFESSOR-FAZ-TUDO

Professores que se desdobram para ensinar e desempenhar outra atividade.

PGM 205 - REVISTA: TUDO AO MESMO TEMPO NO RIO

Abertura da Semana do Meio Ambiente e o que as escolas estão desenvolvendo para preservação da biodiversidade da nossa cidade.

PGM 206 - A CIDADE É A ESCOLA

Exemplos de como a escola pode ter o tamanho do mundo.

PGM 208 e 212 - SANTOS DUMONT

100 anos do primeiro voo mecânico e a briga entre brasileiros e americanos por sua primazia.

PGM 209 - REVISTA: HISTÓRIA DA LUDICIDADE

Um pouco da história da ludicidade e por que a brincadeira e o jogo são tão importantes para a constituição do conhecimento.

PGM 210 - REVISTA: ESCOLA PROMOTORA DE SAÚDE

Escolas que ajudam a promover a saúde e prevenir problemas.

PGM 211 - REVISTA: NÚCLEO DE ADOLESCENTES

Documentário dedicado à promoção da constituição do conhecimento nas escolas da Prefeitura do Rio de Janeiro.

PGM 212 - REVISTA: SANTOS DUMONT x IRMÃOS WRIGHT

As origens da briga histórica entre brasileiros e norte-americanos sobre a primazia do voo mecânico.

PGM 213 - LITERATURA ORAL

Documentário dedicado à promoção da leitura, com participação da escritora Marina Colasanti.

PGM 214 a 218 - SÉRIE ESPECIAL SOBRE CICLOS DE FORMAÇÃO

Série especial de cinco programas feita para a capacitação continuada dos professores da Rede.

PGM 219 - ESPECIAL DIA DO PROFESSOR

Histórias de infância de professores de escolas da Prefeitura do Rio.

PGM 220 - O GRANDE SERTÃO DE GUIMARÃES ROSA

A obra do escritor João Guimarães Rosa ultrapassa o seu tempo.

PGM 221 - REVISTA: QUE HISTÓRIA É ESSA?

Vamos brincar com a palavra "história", mostrando exemplos de experiências de escolas que exploram alguns dos seus significados.

PGM 222 - MÚSICA NAS ESCOLAS

Como anda o ensino de Música nas escolas da Prefeitura do Rio.

PGM 223 - EDUCAÇÃO ESPECIAL

Experiências de adaptações curriculares para promover a inclusão.

PGM 224 - LITERATURA E FORMAÇÃO DE LEITORES

Importância da leitura e como os professores devem atuar na formação de novos leitores.

PGM 225 - MÁRIO QUINTANA, PASSARINHO

A vida e obra do poeta Mário Quintana.

PGM 226 - TEATRO NA ESCOLA

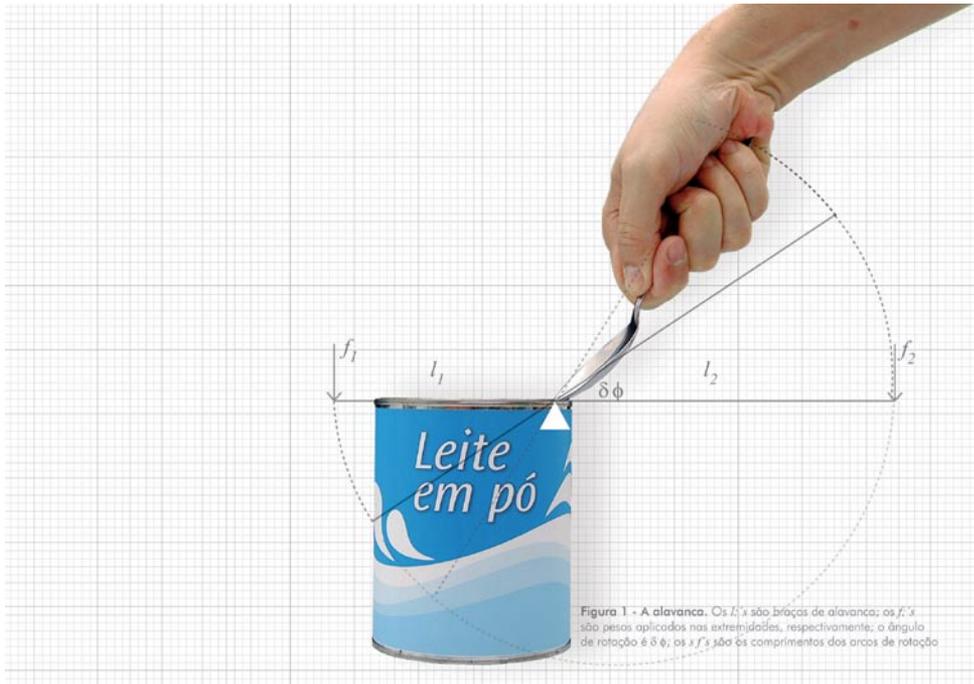
A força das linguagens artísticas em trabalho de teatro nas escolas da Prefeitura do Rio.

PGM 227 - CRIANÇA NA MÍDIA

Programa especial que marca o Dia Internacional da Criança na Mídia, data criada pelo Unicef.

PGM 228 - MELHORES MOMENTOS DE 2006

O último programa do ano reúne os melhores temas apresentados ao longo de 2006.



NÓS DA ESCOLA

No próximo número: **narrativa científica**